



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/PORTUGUÊS**

MARIA CLARA PEREIRA GONÇALVES SOUSA

**DA MÃE-ESPOSA E DA MULHER QUE VAI À GUERRA: ANITA GARIBALDI SOB
AS LENTES DE HELOISA PRIETO**

CAMPINA GRANDE

2023

MARIA CLARA PEREIRA GONÇALVES SOUSA

**DA MÃE-ESPOSA E DA MULHER QUE VAI À GUERRA: ANITA GARIBALDI SOB
AS LENTES DE HELOISA PRIETO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Letras/Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel

CAMPINA GRANDE

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725d Sousa, Maria Clara Pereira Goncalves.
Da mãe-esposa e da mulher que vai à guerra [manuscrito] :
Anita Garibaldi sob as lentes de Heloisa Prieto / Maria Clara
Pereira Goncalves Sousa. - 2023.
65 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel,
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "

1. Representação feminina. 2. Sociedade patriarcal. 3.
Cartas. I. Título

21. ed. CDD 801.95

MARIA CLARA PEREIRA GONÇALVES SOUSA

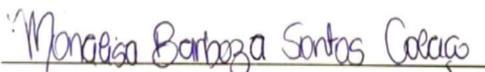
DA MÃE-ESPOSA E DA MULHER QUE VAI À GUERRA:
ANITA GARIBALDI SOB AS LENTES DE HELOISA PRIETO

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado à Coordenação do Curso de
Graduação em Letras/Português da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Letras.

Aprovada em: 21/11/2023.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Monalisa Barboza Santos Colaço
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

À Deus, razão da minha existência, por seu cuidado comigo até aqui.

Ao meu querido orientador Diógenes, por toda a dedicação, paciência e sensibilidade nas conversas e leituras sugeridas ao longo dessa orientação.

À minha avó Marizete, pela compreensão e apoio.

Ao meu namorado Breno, por sua paciência e apoio ao longo desses meses.

A todos os meus professores do curso de Licenciatura em Letras-Português, que contribuíram durante esses quatro anos e meio com seus ensinamentos profissionais e de vida.

Aos colegas de classe, pelos momentos de amizade e apoio.

RESUMO

O tema da representação feminina, atuando no espaço público e privado, é abordado neste trabalho, mediante a análise-interpretação de uma obra de autoria feminina, constante do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), com o objetivo de compreender como se dá a representação da mãe/esposa, no âmbito do espaço privado, *versus* a representação de um perfil de heroína/guerreira, no âmbito do espaço público – tudo isso tendo em conta o cenário da sociedade patriarcal. Estas representações recaem, assim, sobre o modo como a personagem histórica Anita Garibaldi, comparece na obra de Heloisa Prieto. Para tanto, foi feita uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, para analisar a maneira como as cartas (enquanto documentos) são articuladas no texto literário, construindo a visão daqueles espaços de atuação da personagem. Os resultados apontam que, na obra em estudo, a personagem é construída por meio de quatro faces (a mãe, a esposa, a guerreira e a heroína), e que só entendemos a protagonista, em integralidade, quando as articulamos, de modo a promover possibilidades de leitura de seu escopo historiográfico e, também, de suas relações com as problemáticas de gênero na contemporaneidade do leitor(a).

Palavras-Chave: representação feminina; sociedade patriarcal; cartas; Anita Garibaldi; PNBE.

ABSTRACT

The literary female representation, acting in the public and private space, is addressed in this work, through the analysis-interpretation of a female authorship novel, included in the National School Library Program (PNBE), with the aim of understanding how the representation of the mother/wife, within the private space, *versus* the representation of a heroine/warrior profile, within the public space – in the patriarchal society context. These representations thus reflect on the way in which the historical character, Anita Garibaldi, appears in the Heloisa Prieto's novel, entitled Anita Garibaldi, Estrela da Tempestade. Qualitative and bibliographical research was carried out to analyze the way in Anita's letters (as documents) are articulated in the literary text, constructing the vision of those spaces in which the fictional character operates. The results indicate that, in the book under study, the character is constructed through four faces (the mother, the wife, the warrior and the heroine), and that we only understand the protagonist, in its entirety, when we articulate them, in order to promote possibilities for reading its historiographical scope and also its relationships with gender issues in the reader's contemporary world.

Keywords: female representation; patriarchal society; cards; Anita Garibaldi; PNBE.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O PNBE: CONTEXTO ESCOLAR E LÓCUS DE “PRIMEIRO ACESSO” À OBRA DE PRIETO	9
2.1 O capitalismo editorial e a escolarização da leitura literária: critérios.....	9
2.2 Concepções de construção de acervos e de leitura-leitor no PNBE	12
2.3 Chegando a uma possibilidade de estudo.....	14
3 A ANITA DE HELOISA PRIETO: ENTRE A ESTRELA E A TEMPESTADE.....	21
3.1 Quem foi Anita Garibaldi?	21
3.2 Anita-Farroupilha.....	25
3.3 A Anita guerreira em Heloisa Prieto.....	36
4 DE QUANDO ANITA FOI À GUERRA: CARTAS NA NARRATIVA DE PRIETO... 	43
4.1 A epistolografia como recurso romanesco.....	43
4.2 A dualidade de Anita: o espaço público e o espaço privado.....	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2003, a autora Heloisa Prieto publicou um dos seus livros, a saber, **Anita Garibaldi, Estrela da Tempestade**, pela editora Rocco, como parte da coleção “Palavras da Gente” – depois republicado, em 2013, como parte da coleção “Primeiras Palavras”, pelo selo Rocco Jovens Leitores. No mesmo ano de 2003, a Escola Solon de Lucena, localizada em Campina Grande-PB, recebia essa obra, dentre outras que faziam parte do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), para compor a sua biblioteca, àquela altura, direcionada para o uso do público que cumpria ensino-aprendizagem em salas de EJA/Educação de Jovens e Adultos. Dez anos depois, em 2013, o mesmo livro foi novamente incluído no acervo do mesmo programa, só que, naquela oportunidade, direcionado aos alunos do Ensino Fundamental.

No ano seguinte, em 2014, um grupo de alunos de uma turma de primeiro ano do Ensino Médio, da qual fiz parte, teve seu primeiro contato com essa obra (em sua primeira edição), através de uma proposta de atividade de uma aula de literatura, envolvendo a leitura de um livro, escolhido previamente pelo professor, para, depois, apresentá-lo em forma de seminário ao restante da turma – que, por sua vez, depois, faria o mesmo, apresentando aos demais outras obras. Essa atividade de leitura, seguida de um compartilhamento de ideias, foi a forma que o professor encontrou para que aquele alunado tivesse acesso a diferentes obras em tão pouco tempo, visto que, no Ensino Médio, o foco das aulas é, quase sempre, voltado à preparação referente ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A metodologia adotada pelo professor não foi a mais adequada: pelo menos, é assim que penso hoje, em 2023, quando estou concluindo meu curso de Letras/Português e, novamente, me volto à leitura daquela mesma obra. É notório que a leitura e a fruição das obras literárias demandam um tempo maior para que possam proporcionar o despertar do interesse e a abertura a outras reflexões. Penso, hoje, que o ato de ler literatura, sem a devida preparação prévia, apenas tendo o objetivo de apresentar a obra (quase sempre, apenas seu enredo) em forma de seminário, acaba por limitar o aluno: naquela circunstância, um seminário é visto apenas pelo prisma da situação avaliativa, quando se atribuiria uma nota e afastando-se das aberturas mais interpretativas e prazerosas. Porém, diante do contexto já mencionado e de suas circunstâncias, foi aquela uma decisão tomada de

modo assertivo, pois, de uma maneira ou de outra, os alunos tiveram contato com obras do acervo da escola e, mais que isso, a atividade possibilitou que a turma ampliasse seu repertório de leitura e, conseqüentemente, sociocultural – e isso acabava por realizar aspectos pertinentes aos objetivos do PNBE.

O trabalho tem por objetivos analisar a representação de Anita Garibaldi na obra de Prieto, considerando as especificidades dessa heroína e suas marcas de gênero, além de as cartas transcritas na narrativa, como recurso de validação de uma verdade historiográfica/biográfica, além, claro, uma tentativa de sistematizar a história da edição do Programa Nacional Biblioteca da Escola. A estrutura do trabalho, assim, está dividida em três capítulos: no primeiro, intitulado “PNBE: contexto escolar e locus de ‘primeiro acesso’ à obra de Prieto” contextualizaremos o Programa, e subdividiremos essas discussões em mais duas subseções, sendo estas “O capitalismo editorial e a escolarização da leitura literária: critérios” e “Concepções de construção de acervos e de leitura-leitor no PNBE”; já no segundo capítulo intitulado “A Anita de Heloisa Prieto: entre a estrela e a tempestade”, abordaremos a maneira como podemos perseguir esta figura histórica, Anita, de modo a conseguir mapear alguns dos seus dados biográficos e, também, a maneira como esta mulher, mediante sua ação guerreira, no âmbito da Revolução Farroupilha, é construída pelo viés de um perfil mítico da, assim chamada, “donzela guerreira”; no último capítulo, intitulado “De quando Anita foi à guerra: as cartas na narrativa de Prieto”, abordaremos sobre romances que recorrem à representação da epistolografia enquanto recurso estético, mediante a leitura e análise das cartas (enquanto documentos daquele sujeito histórico) que aparecem no livro de Prieto.

Diante do exposto, o presente trabalho pretende investigar a representação feminina da personagem Anita Garibaldi, conforme ela aparece na obra de Heloisa Prieto, destacando como a protagonista atua, assim, tanto no espaço público quanto no espaço privado, através da análise do gênero “carta” conforme presente no romance e da relação da personagem com o mito da donzela que vai à guerra, tudo isso para responder ao questionamento: como se dá a representação da mãe/esposa (enquanto perfis atrelados ao espaço privado) versus a heroína e guerreira (enquanto perfis atrelados ao espaço e imaginário públicos) da protagonista Anita, na obra em foco, tendo como procedimento a análise da maneira como as cartas são empregadas no texto para construir e evidenciar a imagem pública e privada de Anita?

2 O PNBE: CONTEXTO ESCOLAR E LÓCUS DE “PRIMEIRO ACESSO” À OBRA DE PRIETO

2.1 O capitalismo editorial e a escolarização da leitura literária: critérios

Instituído em 1997, o PNBE/Programa Nacional Biblioteca da Escola objetivava proporcionar aos alunos da rede pública o acesso a bens culturais, no caso, à literatura nacional em seus diferentes gêneros, democratizando esse acesso. Grandes foram os investimentos feitos financeiros dispensados ao PNBE, desde então, o que apontava, no período de 2006 a 2013, para um total de 123.775 escolas contempladas com os acervos, totalizando um conjunto de 21.120.092 alunos atingidos e o expressivo número de 7.426.531 livros distribuídos.

Com relação à distribuição de livros, dados expostos no site oficial do Ministério da Educação (MEC), mostram que ela segue a lógica de títulos distribuídos segundo o número de matrículas registradas no Censo Escolar. Assim, escolas com até 250 alunos recebem 100 títulos, de 251 a 500 alunos recebem 200 obras e acima de 501 estudantes, recebem 300 títulos. Além disso, nos anos pares são distribuídos livros para as escolas que atendem a Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental e EJA; nos ímpares a distribuição ocorre para as escolas dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Segundo Silva (2014) para o Programa, embora em documentos oficiais do mesmo não seja possível ver uma concepção sólida do que ela seria, a literatura é entendida como imprescindível à formação cidadã e é tomada mediante sua percepção como arte humanizadora, possibilitando experiências diversas e enriquecedoras, na medida em que também considera a trajetória do leitor em formação como um processo, atendendo desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental, Ensino Médio, bem como a modalidade EJA. Neste sentido, é possível entender este Programa como uma das mais bem organizadas e duradouras políticas de incentivo à leitura em nosso país, garantindo o acesso da comunidade escolar a acervos de obras selecionadas e, assim, tornando-se uma instância de “legitimação”, já que a curadoria dos acervos passa pelo crivo de professores universitários e órgãos do governo.

A respeito da trajetória do Programa, Cosson e Paiva (2014) discutem que, na sua primeira aquisição de livros, no período de 1988 a 2000, as listagens de materiais adquiridos variavam entre obras literárias, dicionários, globos terrestres, atlas histórico e um guia de orientação de uso, sendo distribuídos 123 títulos para as escolas do segundo ciclo do ensino fundamental. Só no ano de 1999, foi incorporado ao acervo obras de literatura infanto-juvenil, distribuídas para escolas dos anos iniciais do ensino fundamental com mais de 150 alunos matriculados. Já em 2000 o acervo foi organizado apenas com livros elaborados pelo MEC, ou sob critérios que atendiam às suas exigências, e distribuídos para mais de 18 mil escolas do ensino fundamental. Contudo, nos anos de 2001 a 2003,

[...] o MEC direcionou os acervos para o uso pessoal e privado dos alunos, criando as coleções Literatura em Minha Casa, primeiramente dirigidas para alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental (2001) e posteriormente apenas 4ª série (2002), depois para alunos de 4ª e 8ª série, juntamente com a coleção Palavra da Gente, para alunos da Educação de Jovens e Adultos (2003). Neste último ano, além dos livros das coleções Literatura em Minha Casa e Palavra da Gente, também foram constituídos acervos para a Casa da Leitura (bibliotecas itinerantes para uso comunitário no município), a Biblioteca Escolar e a Biblioteca do Professor (Cosson; Paiva, 2014, p. 479).

Depois desse período de distribuição de livros para uso privado e pessoal dos alunos, através da coleção “Literatura em Minha Casa”, o programa parou seus trabalhos, no ano de 2004, passando por uma ampla reavaliação e só retornando em 2005, com o fito de compor acervos das bibliotecas escolares, enfatizando apenas obras literárias. Nesta direção, a partir dos dados apresentados em comum nos três guias do PNBE, intitulados “PNBE na escola: Literatura fora da caixa” e publicados em 2014, foi possível descobrir que a maioria dos livros inscritos pelas editoras no Programa são referentes aos anos iniciais do Ensino Fundamental com destaque para o grande número de obras em prosa, embora haja interesse do Programa por obras em versos e em imagens – e, assim, estas escolhas são guiadas pelos critérios de qualidade textual, qualidade temática e qualidade gráfica. Assim, vejamos:

[...] qualidade textual, que se revela nos aspectos éticos, estéticos e literários, na estruturação narrativa, poética ou imagética, numa escolha vocabular que não só respeite, mas também amplie o repertório linguístico de crianças na faixa etária correspondente à Educação Infantil; qualidade temática, que se manifesta na diversidade e adequação dos temas, e no atendimento aos interesses das crianças, aos diferentes contextos sociais e

culturais em que vivem e ao nível dos conhecimentos prévios que possuem; qualidade gráfica, que se traduz na excelência de um projeto gráfico capaz de motivar e enriquecer a interação do leitor com o livro: qualidade estética das ilustrações, articulação entre texto e ilustrações, e uso de recursos gráficos adequados à criança na etapa inicial de inserção no mundo da escrita (PNBE, 2014, p. 16, v. 3).

Mas, segundo Cosson e Paiva (2014), outros critérios estariam ligados a essas escolhas e eles os dividem em três etapas: a triagem, a avaliação pedagógica e a compra das obras. A triagem seria a etapa que verifica os aspectos físicos e atributos editoriais das obras inscritas conforme determinações previamente indicadas em editais, ou seja, a ênfase recai sobre aspectos de cunho técnico e documental, mesmo que não apenas isso seja considerado. Por exemplo, há critérios que apontam para outros aspectos: a saber, o número de obras a ser inscrito por cada editora.

Há nisto um lado positivo, pois a compra do acervo não se limita a apenas algumas empresas, mas, pelo lado negativo, temos, algumas vezes, uma mesma empresa se apresentando à seleção apenas com nomes e documentos diferentes, o que deixa sem reconhecimento a produção de editoras pequenas casas editoriais – notadamente porque há um protagonismo das editoras da região Sudeste, deixado de lado as outras regiões. Outro problema trazido por esse critério é a forte presença de obras traduzidas no acervo, alimentando ainda mais as empresas e mostrando o costume de desvalorizar o que é nosso propriamente – além da impossibilidade de haver aquisição de obras em língua portuguesa que estejam em domínio público, o que não vale para obras estrangeiras. Em termos de uma exploração econômica, as casas editoriais acabam investindo na venda de livros cujos custos de produção sejam o mínimo possível, deixando de lado, assim, a escolha por obras que realmente agregariam e que seriam adequadas a cada momento escolar.

A etapa da avaliação pedagógica das obras literárias é a responsável por estabelecer critérios relativos à qualidade do texto, à adequação temática e ao projeto gráfico. Esta etapa busca escolher obras que permitam o desenvolvimento e formação plena do aluno, excluindo obras que sejam predominantemente didáticas, informativas ou de referência, o que se torna uma dificuldade para editores criarem obras que respeitem o equilíbrio entre o prazer da leitura e a necessidade implantada de estar “ensinado algo”, considerando a relação entre a maturidade do leitor-aluno e o leitor-implícito com que a obra dialoga.

2.2 Concepções de construção de acervos e de leitura-leitor no PNBE

Nos três guias do programa, intitulados “PNBE na escola: Literatura fora da caixa”, publicados em 2014, fica muito claro que os documentos consideram primordial a mediação do professor no processo de leitura, na medida em que este ato “significa intervir para aproximar o leitor da obra e, nesse sentido, o trabalho do professor assume uma dimensão maior, uma vez que extrapola os limites do texto escrito, promovendo o resgate e a ampliação das experiências de vida dos alunos e do professor mediador” (PNBE, 2014, p. 7, v. 2). Nessa direção, o Guia salienta que, nos anos iniciais, a leitura literária conta muito com a mediação de professores e de bibliotecários por meio de contação de histórias e leituras coletivas, as quais auxiliam os alunos na construção dos sentidos dos textos, e que é verificável seu sucesso quando o aluno tem sua vontade de ler aguçada, sendo-lhe despertado o interesse por livros, por autores e pelo próprio acervo¹. De outro lado, no EJA, a leitura literária também deve contar com a mediação do professor através de leituras compartilhadas, esperando que os discentes tenham contato permanente com os livros, o que, geralmente, não acontecera por questões marcadas pelas de diferentes trajetórias de vida. Assim, uma boa mediação criaria ou aguçaria o gosto literário desses alunos e os inseriria, também, no mundo da escrita, através de atividades em que pudessem emitir opiniões sobre as obras, por exemplo.

Uma outra questão interessante trazida nos guias no PNBE é sobre a recepção, circulação e utilização das obras literárias do acervo na escola:

¹ A formação continuada dos professores e bibliotecários é vista, pelo Programa, como uma necessidade constante. Nesta direção, Paiva e Berenblum (2009) evidenciam, a partir dos resultados de uma avaliação diagnóstica do PNBE realizada em 2005/2006, que já há uma dificuldade dos professores em trabalhar com os livros do acervo, pois em vez de utilizá-los para leituras significativas, que envolveriam o ato de compreender, interpretar, refletir, pensar sobre as ideias expostas, perceber o dito e o não dito e dar sentido ao ato de ler e ao texto através dos próprios conhecimentos já adquiridos e experiências vivenciadas, limitam seu uso para fins de pesquisa escolar e conhecimento de gêneros literários, deixando de lado o valor lúdico, imaginário, crítico, seu caráter humanizador e sua importância para a formação de cidadãos conscientes e leitores aguçados. Outra questão importante é em relação as bibliotecas das escolas, que, por vezes, servem apenas como depósitos de livros e nada mais, quando deveriam ser entendidas na sua concepção mais ampla, enquanto espaço de socialização e formação, e não apenas como estrutura física, como local de guarda dos livros. Os autores concluíram que se deram mudanças a partir da implementação dos programas de incentivo à leitura, resultando em um interesse maior dos alunos pelo ato de ler e pelas obras, o que pode ser indicado pela visita mais frequentes às bibliotecas, formando, assim, leitores.

Depois de um longo caminho percorrido pelo livro, desde sua inscrição no PNBE, pela sua editora, até a sua seleção para compor o acervo do Programa e posterior aquisição pelo FNDE para distribuição, ele, finalmente, chega à escola. Se há dados seguros dessa distribuição, como você pôde observar no início desta introdução, o mesmo não podemos dizer da sua recepção, circulação e uso nas escolas públicas do País (PNBE, 2014, p. 16, v. 2).

Ou seja, tão importante quanto a aquisição e distribuição de livros é a utilização dada a eles: se realizada de maneira adequada, possibilita que sejam feitas leituras significativas e que os alunos vivenciem experiências das mais variadas, abrindo caminhos para o desenvolvimento da criatividade, da criticidade e do conhecimento. Com relação à pesquisa dos autores, eles concluíram que se deram mudanças a partir da implementação dos programas de incentivo à leitura, resultando em um interesse maior dos alunos pelo ato de ler e pelas obras, o que pode ser indicado pela visita mais frequentes às bibliotecas, formando, assim, leitores. Porém, são necessárias várias mudanças para que o objetivo do PNBE realmente se concretize, por exemplo, a formação especializada e contínua dos profissionais para o trato com as obras e atividades de leitura.

Em relação às obras do acervo e à questão da representação social, Zaponne (2015) realiza um comparativo de duas pesquisas anteriores, a de Rosenberg (1985) e a de Dalcastagnè (2007), ressaltando as mudanças e as permanências quanto a problemática destacada. Ou seja, a estudiosa, mediante seus resultados, evidencia que a produção seguia um padrão, marcada ainda pela autoria de homens brancos, de classe média e com ensino superior, quase sempre produzidas em grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo. Já no que diz das personagens representadas, percebeu-se que a grande maioria dos protagonistas eram homens, ficando as mulheres em posição coadjuvante, havendo uma predominância da heterossexualidade dos personagens, também, predominantemente, brancos. Daí, fazemos um questionamento: como essas literaturas seriam “imitação” da “realidade” se, em seus enredos, não são apresentadas as diversidades culturais, de povos, de grupos sociais, de regiões, de origens e de diferentes realidades?

Com o avanço nos estudos sobre a representação, passou-se a não mais vê-la, dentro da literatura, apenas como uma “cópia da realidade”, mas como uma forma de “criar um mundo segundo a ótica do criador” e falar em nome do outro, mesmo que saibamos: à medida que falo pelo outro, acabo silenciando-o. Portanto, segundo Zaponne sua pesquisa deveria ser compreendida em meio a

uma sociedade multifacetada por traços raciais, por diferentes condições econômicas, por crenças religiosas plurais e outros, cabe problematizar levando em conta o valor da literatura juvenil brasileira como bem cultural significativo na formação de leitores. Além disso, é preciso efetuar um levantamento sobre como as narrativas da literatura juvenil brasileira contemporânea lida e difundida na e pela escola têm efetuado a representação dos grupos sociais que compõem nossa cultura e população, e sobre as implicações dessa representação no caso da formação de leitores que recebem essa literatura como um conjunto de textos de valor, mas com o qual, muitas vezes, pode não se identificar ou se identificar muito pouco (Zaponne, 2017, p. 186).

A literatura é essencial na formação e desenvolvimento de leitores, por isso, ela deve evidenciar a sociedade plural em que vivemos, com todas as diversidades já listadas. É importante que sejam pesquisadas como essas literaturas difundem a representação dos diferentes grupos sociais, pois dependendo, pode ser que os indivíduos não se identifiquem com os grupos apresentados, e isso possa acarretar consequências ruins de não-identificação e visibilidade por parte dos leitores, já que para esses conjuntos de textos difundidos pela escola é dado um alto valor e relevância.

2.3 Chegando a uma possibilidade de estudo

O corpus desta pesquisa foi o acervo do PNBE/2013 destinado aos anos finais do Ensino Fundamental. Algumas descobertas realizadas pela autora dizem respeito ao aumento significativo da presença da autoria feminina, mesmo que a masculina ainda continuasse predominante; além disso, a pesquisa revelou que o tempo representado era primordialmente a contemporaneidade, mostrando uma preferência por falar de temas que cercassem os jovens leitores, diante de uma abordagem mais realista e menos fantasiosa.

Outra descoberta foi o fato de que a representação do espaço geográfico ainda continuava abarcando as regiões Sudeste e Sul do Brasil, de onde também se originavam a maioria de seus autores, além dos enredos ambientados em espaços urbanos, apontando para um caráter social e político das obras, nas quais veríamos indivíduos adeptos da lógica do capital, muito individualista e valorizando a noção de privacidade. Já em relação às personagens, a pesquisa mostrou que a maioria continuava sendo masculina e que, em relação às personagens femininas, a representação é fragilizada também no âmbito da escolaridade e do trabalho, com distinções em relação ao trabalho formal e profissões diferentes, o que, por fim, vai

se distanciando da realidade. Assim, os personagens continuam sendo em sua maioria brancas e de classe média, o que se contrapõe à ideia de cidade moderna, onde vemos heterogeneidades, o que só é posto de lado quando alguma narrativa traz a representação das, assim chamadas, “minorias”.

Essa pouca heterogeneidade dentro do corpus do PNBE, acaba contribuindo para o levantamento de questionamentos sobre as formas estereotipadas de grupos na literatura e na sociedade. A literatura e linguagem são armas contra a homogeneidade de cultura e identidades, podendo pôr em relevância as minorias, que em números são majorias, e possibilitando a construção de um leitor e de um cidadão ao mesmo tempo, expandindo o universo cognitivo e social, principalmente, do jovem leitor.

Nesta direção, como um dos poucos exemplos de uma outra perspectiva no conjunto do acervo do PNBE/2013, no que tange à questão da heterogeneidade da representação social, especialmente no que diz das representações das tensões e relações das dinâmicas de gênero em nossa sociedade, temos o livro **Anita Garibaldi, Estrela da Tempestade**, de Heloisa Prieto. Como já dito anteriormente, meu primeiro acesso à obra de Prieto foi durante uma atividade no curso de meu Ensino Médio, quando pude ler a obra e fazer reflexões sobre ela. Essa obra estava inserida no acervo do PNBE e, desde o primeiro momento que a li, achei-a de grande importância literária e social, por trazer à tona a história de uma grande mulher, contudo, focalizando muitos de seus papéis – mãe, esposa e guerreira – o que me ensinou uma interpretação de que devemos seguir nossos desejos e lutar por nossos ideais, assim como fez a jovem Anita.

Como primeiro ponto a ser destacado nessa obra, temos a *autoria feminina* em destaque, destoando dos demais livros. Heloisa Braz de Oliveira Prieto, nascida em 1954, além de escritora, é também pesquisadora cultural e tradutora brasileira, apaixonada pela história de mulheres fortes. Vejamos que, em relação à autoria feminina, Figueiredo (2023, p. 12) nos diz que no “que concerne à questão tão rejeitada da ‘escrita feminina’, atualmente se prefere falar em ‘escrita de autoria feminina’”, na medida em que o adjetivo “feminina”, aplicado à escrita, suporia a existência de “uma especificidade no produto (a obra), enquanto se o adjetivo se aplica à autoria isso implica tão somente que a escritora é uma mulher”.

Nesta direção, portanto, quando se diz “escrita feminina”, haveria uma referência direta ao corpo e à sua importância, de modo que encontraríamos a

inscrição de uma suposta “feminilidade”, pois, “as escritoras reproduziram as representações clássicas da mulher sensível-intuitiva-sonhadora” (Figueiredo, 2023, p. 13), e, nesta visada, elas estariam condenadas ao silêncio – ou seja, aqui encontraríamos uma dificuldade em teorizar a prática dessa escrita. Por isso, Figueiredo (2023, p.14) diz que as escritoras precisam ser instigadas a “buscar novas linguagens, novas maneiras de exprimir experiências de mulheres” e que é importante encontrar um modo de falar sobre está escrita “sem cair no essencialismo que configura uma identidade fixa do que é uma mulher, [pois] não se pode ignorar que o fato de ser mulher tem algum impacto no tipo de literatura produzida”.

Dessa maneira, o fato de ser uma mulher não garante que a escrita (de uma autora) tenha força transgressora. Saavedra (2021) discute a respeito disso, evidenciando que o conceito de “escrita feminina” é essencialista, subjugado às produções das escritoras com um “estilo feminino”, ou seja, uma suposição de que elas escreveriam como mulheres por possuírem corpo de mulher e por terem, também supostamente, vivenciado experiências únicas com ele, o que

seria uma experiência instintiva, e o resultado seria uma escrita poética, intimista, autorreferente e não linear [...]. Esse tipo de análise acabou criando a ideia de uma escrita feminina, pergunta que perseguiu as escritoras nas entrevistas: existe ou não existe uma escrita feminina? Assim, a teoria da escrita feminina acabou se tornando por muito tempo o grande calcanhar de Aquiles das escritoras, porque, ao se pressupor a existência de uma escrita de mulheres, dava-se a toda a sua produção um caráter de literatura inferior, de menor qualidade. O outro da norma, o segundo sexo (Saavedra, 2021, p. 15).

É fato que muitas escritoras sofreram preconceitos em relação à sua escrita e, mais que isso, foram reduzidas a ter sucesso por escreverem com ajuda de homens – o que é revoltante!, mas Saavedra nos indica a olhar para as escritas atuais das mulheres e perceber o que está sendo escrito, pois cada uma terá sua versão de uma narrativa, sua forma própria de escrever e buscar a vertente com a qual mais se adequa e que, além de tudo, existem muitos temas e histórias a serem contadas ainda. Contudo, não podemos deixar de lado que este livro em comento, afinal, foi escrito por uma mulher branca, natural de São Paulo, que tem inserção no mercado editorial. Assim, o diferencial de sua obra em relação à maioria que compõe o acervo é em relação, principalmente, à protagonista da narrativa ser uma mulher, Anita (também branca e sulista), que possui grande importância para a história do Brasil e da Itália.

Como é sabido, Anita Garibaldi (1821-1849) foi uma revolucionária, que ficou conhecida por participar ativamente na Revolução Farroupilha e na unificação da Itália, junto com o seu marido Giuseppe Garibaldi, com quem se uniu em 1842, que foi um famoso revolucionário italiano, o que lhe garantiu o título de “heroína dos dois mundos”. Anita casou-se por duas vezes, o que já a destaca das mulheres de sua época e evidencia sua personalidade livre, mas foi com Garibaldi, seu segundo e amado marido, com quem teve quatro filhos e foi com ele com quem viveu toda a sua vida, cheia de aventuras e conflitos, tristezas, inclusive, da morte do filho, mas uma vida de realizações que a levaram a ficar conhecida pela História.

Nascida e criada em Laguna, município de Santa Catarina, Anita viveu em meio aos conflitos que visavam o estabelecimento da República, quando houve intensa circulação de ideias revolucionárias. Contudo, ela nunca foi igual às meninas ou mulheres da sua idade: sempre foi destemida, determinada, ousada, forte, uma mulher diferente, no que dizia das suas ideias e questionamentos. Nesta direção, a Anita representada na narrativa de Prieto é uma mulher que sabe se impor, uma mulher forte, que não se deixa levar por opiniões alheias em relação a si própria, que não se deixa ser amarrada pelas imposições da sociedade.

Ao mesmo tempo, a obra aposta na construção de um perfil que aproxime a heroína da “mulher real”, o que vai sendo evidenciado através de um recurso narrativo, pelo qual Prieto vai recorrendo às cartas enviadas por Anita a irmã e a alguns amigos compondo o tecido daquela narrativa, com o fito de dar-lhe um “efeito de realidade”² – como a própria autora afirma, na edição de 2013, a busca por uma Anita “real” foi mediada pelo encontro com as “cartas que [...] teria escrito ou ditado a terceiros”, em que se divisava “a Anita menina, a audácia, os sentimentos por Garibaldi” (Prieto, 2013, p. 08). Assim, por uma confessada impossibilidade de fazer “uma descrição justa dos feitos”, “sem inserir um ou outro detalhe criado por minha

² O “efeito de realidade” seria uma descrição realista de lugares e objetos, elevando o custo da informação narrativa, descrição essa que aparece como um excesso que cobre uma falta: o excesso de representação de coisas “ou ela fica no caminho do enredo e embaralha suas linhas; ou, novamente, ela apaga o jogo de significação literária e opõe sua falsa obviedade à tarefa de interpretação (RANCIERE, 2009, p. 76). Desde Aristóteles, o efeito de realidade (ali tomado como “verossimilhança”) rompe com a lógica da representação: “toma o princípio ‘realista’ da história, agarrando-se ao real enquanto real, ele cria um novo tipo de verossimilhança, oposta à clássica”. A ficção realista foi muito criticada pela enumeração de detalhes, a extensa descrição a enumeração de detalhes e a extensão descrição, sendo essa crítica baseada nos princípios que estruturam a lógica da representação. Portanto, tal efeito age enquanto simulação da presença, em que elementos textuais, que não possuem função direta na narrativa, não se inserem sem motivo no texto, agindo para a caracterização do ambiente e de personagens dentro do enredo, e apontando para sua exterioridade, para o extraliterário.

fantasia”, a autora opta por “priorizar suas cartas” (Prieto, 2013, p. 09). As cartas, assim, intentam trazer a personagem histórica em sua intimidade, expondo seus medos, suas inseguranças, preocupações, amores, evidenciando a mãe amorosa e preocupada com os filhos, que sente a dor da perda; a esposa que está junto do marido para enfrentar toda e qualquer situação, mas que também sente ciúmes; a mulher que é forte, que não se submete à opinião alheia, mas que também fica incomodada e triste com os comentários da sociedade a seu respeito.

Daí chegarmos ao segundo ponto a ser destacado, pois, em relação ao protagonismo da narrativa, que não é ocupado por um homem, mas, sim, por uma grande mulher. A obra, assim, também além de ser considerada um romance histórico é também considerada um *romance biográfico*, ou seja, aquele tipo de narrativa que traz uma história da vida de uma pessoa, concentrando-se nas suas experiências. Este gênero tem despertado interesse tanto de historiadores e escritores quanto de leitores em geral. É escrito, geralmente, em terceira pessoa do singular, narrando, cronologicamente ou não, trajetórias de vida de pessoas que foram importantes e de relevo para a história.

Segundo Alencar (2012, p.1) o “biografado é o foco da pesquisa biográfica, personagem principal de sua narrativa, sendo o biógrafo, quase sempre, o criador de um tipo de narrador heterodiegético, que controla a narrativa da história”. Assim, esta sorte de romance pode se desenvolver por meio de diálogos e personagens, fugindo da estrutura apenas biográfica, trazendo fatos e pessoas verídicas em situações reais, e sendo permeado por interferências subjetivas do seu autor. Ele se assemelha à ficção histórica, com exceção do fato de que, em romances históricos, os personagens podem não ter existido, mas colocados em situações e ambientes realmente autênticos, enquanto em um romance biográfico eles necessariamente existiram.

De acordo com o mesmo Alencar (2012, p. 2), este tipo de produção requer pesquisas e depende de arquivamentos de documentos, o que implica que cada autor e historiador pode fazer leituras distintas de determinados fatos, pois os documentos são passíveis de diferentes interpretações e nele incidem as diferentes visões de mundo. A autora, assim, chama atenção para a importância da veracidade do discurso, pois, ao juntar os fatos, na tentativa de recriar o passado, surgem lacunas, sendo preciso preencher esses vazios, unindo e conectando esses fatos,

compreendendo a porção de ficção, de romance, que pode haver entre eles, construindo uma representação do passado.

Heloisa Prieto se propôs, assim, a escrever um romance biográfico (nos limites do romance histórico), que se destaca por trazer o gênero confessional “carta” no decorrer do seu enredo³. Assim, Prieto se diferencia por recorrer às epístolas, dados documentais e históricos e à invenção memorialística. Ela narra os eventos históricos entre a pesquisa histórica e narrativa ficcional, iluminando a narrativa sobre Anita Garibaldi, traz também um narrador-observador, muito perto da história narrada, reconstruindo situações e lugares bem próximos a uma linguagem e mundividência do leitor.

Todos esses aspectos foram os responsáveis por me encantar como leitora durante o Ensino Médio. Mas, atualmente, além de admirar essas qualidades, admiro também o fato de Anita ter sido uma mulher real, que possuiu dores, medos, inseguranças, mas que não se deixou vencer por essas adversidades. A leitora da atualidade, como estudante de Licenciatura, entende que essa obra e a própria história da Anita em si, são muito importantes para turmas dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, que irão ter contato com uma narrativa que valoriza a mulher em si e discute valores societários, como igualdade e respeito entre as pessoas, fazendo com que haja uma identificação por parte dos jovens, por trazer uma personagem que possui desejos de liberdade, de aventura, de rebeldia também, desejos esses que fazem parte da vida de adolescentes.

Ao ler a obra, o jovem aluno-leitor é capaz de identificar a audácia e o idealismo de uma mulher que protagonizou fatos históricos, uma mulher que fez diferença na sociedade, que se tornou conhecida como a “heroína de dois mundos”, que participou do conflito Farroupilha, em um período que para as mulheres não era permitido quase nada, a não ser tomar conta do lar e dos filhos. Por todos esses

³ Sobre estas cartas, trataremos adiante, na etapa de análise-interpretação. Todavia, é importante destacar que a “epístola” é um gênero poético clássico, que pode ser em forma de poema ou em prosa, dirigido a um amigo ou amante, versando sobre sentimentos, assuntos filosóficos e morais. Daí, derivar a forma do “romance epistolar”, que fez muito sucesso, notadamente por conta de sua estrutura: ao ser escrito em forma de carta, a narrativa acabava por apontar para aspectos que a tornavam íntimas e familiares aos seus leitores, mimetizando tais práticas na literatura, mediante seu forte caráter moral e didatismo, além de sua natureza dialógica, envolvendo remetente e destinatário como em um jogo, em que veracidade e autenticidade são postas em prova, sob ampla necessidade de verossimilhança (Lajolo, 1993). Assim, os romances epistolares são narrativas que contam a história através de cartas entre os personagens, relatando acontecimentos de suas próprias vidas. Essa técnica literária também abarca outras formas de comunicação, como anotações de diários. É uma forma de dar mais realismo ao enredo, já que os textos das cartas fazem parte dele.

diferenciais e toda sua importância literária já destacada, um dos possíveis motivos para o livro de Prieto entrar para o acervo do PNBE, que possui muita influência editorial e educacional, talvez seja o fato dele ser uma narrativa em prosa, com uma linguagem fácil e clara, apropriada para jovens leitores, que se configura como um exemplo de prosa histórica e bibliográfica, além de também ser uma narrativa curta, o que incide diretamente na questão econômica do acervo.

3 A ANITA DE HELOISA PRIETO: ENTRE A ESTRELA E A TEMPESTADE

3.1 Quem foi Anita Garibaldi?

Anita Garibaldi foi uma grande mulher da História: prova disso são as várias publicações de literatura em relação à sua vida, (como **Anita Garibaldi: Heroína de Dois Mundos**, dos autores Loredana Frescura e Marco Tomatis, **A guerrilheira: O romance da vida de Anita**, de João Felício dos Santos e **Anita Garibaldi**, de Thales Guaracy, por exemplo) bem como o modo como ela comparece enquanto personagem de minisséries televisivas (como **A casa das setes mulheres**, baseada no romance de Letícia Wierchowski, com direção de Jayme Monjardim) e filmes (como **Anita Garibaldi**, com direção de Cláudio Bonivento, e **Anita**, do diretor Olindo Estevam).

Ana Maria de Jesus Ribeiro nasceu em Laguna, Santa Catarina, no mês de agosto de 1821, filha de Bento Ribeiro da Silva, natural de São José dos Pinhais, e Maria Antônia de Jesus Antunes, natural de São Paulo, que tiveram mais nove filhos. Em agosto de 1835, Aninha, como era chamada em casa (na obra de Prieto, até encontrar Garibaldi, a autora a chama de Aninha), aos 14 anos de idade, casa com o sapateiro Manoel Duarte de Aguiar, na Igreja Matriz Santo Antônio dos Anjos, localizada em Laguna⁴. Ela, ainda muito moça, casa com um homem mais velho e conservador, que a abandona e vai para a chamada Guerra dos Farrapos, instaurada no Rio Grande do Sul, pondo um fim na relação dos dois com essa ação

⁴ O estudioso Cadorin (1999, p. 83-85) reproduz uma carta de Anita, datada de novembro de 1835, endereçada ao seu tio Antônio. A carta contém o relato de Anita sobre a infelicidade que está vivendo com o casamento arranjado com o sapateiro Manoel e com a vida de casada. Ali, a moça como está contrariada por ter sido obrigada a se casar, com a vida como dona de casa, informando ao tio, inclusive, sobre a não-consumação do casamento, o que mostra que ela tem inteira confiança e abertura com o tio para falar sobre todos os tipos de assuntos. É evidenciada uma Anita cansada, fatigada, magoada com a mãe, mesmo a ajudando, enfim, uma mulher que também impõe limites, com relação à consumação do casamento, mas que também se sente um pouco fraca, quando relata que o Manoel pode ter pena dela. Um fato interessante é que ela tem certeza de que o tio não foi ao casamento por não querer vê-la sendo obrigada a fazer o que não quer, tendo que se submeter à sociedade e à vontade da família. Ou seja, a moça está insatisfeita com o destino reservado às mulheres naquela época, segundo os papéis sociais impostos. Zinani (2015, p. 413) diz que “o trabalho doméstico e a criação dos filhos são considerados atividades femininas, enquanto a conquista e a construção do mundo exterior são ocupações masculinas, conseqüentemente, estabelecem-se dicotomias com desvantagem para a mulher”, assim, “Razão, Sujeito, Produção são prerrogativas masculinas em oposição a Emoção, Objeto, Reprodução, aspectos femininos”. Nessa carta, também é evidenciado que Anita é uma mulher de opinião forte e que impõe limites, pois, ao contrário de algumas mulheres que mantinham relações sexuais apenas para satisfazer ou por mera submissão ao marido, ela foi quem decidiu não consumir o casamento e fez com que Manoel aceitasse sua decisão.

de abandono. Segundo Schmitt (2018), essa guerra foi ocasionada pela insatisfação dos estancieiros gaúchos com a política fiscal do governo brasileiro que cobrava altos impostos sobre a produção de charque da região. Somado a esse motivo, também imperava uma insatisfação com a centralização do governo imperial, que causava a falta da autonomia da província, já tomada pela ampla circulação de ideias republicanas.

Em 22 de julho de 1839, a cidade de Laguna é tomada pelo Coronel David Canabarro e o Capitão Garibaldi, os quais proclamam a República Juliana. No mês seguinte, Anita conhece Garibaldi, que vai ser seu companheiro de vida, de conquistas e de guerras, e como não houve o retorno de Manoel da guerra, nem notícias do mesmo, podendo ser considerado morto, e por ter sido abandonada pelo marido, caracterizando o fim da relação entre os dois, Anita junto com Garibaldi, podem e passam a construir uma relação nos meses seguintes.

Em novembro de 1839, Garibaldi é atacado no “combate Naval de Imbituba”, que, segundo Cadorin (2019), se formou devido aos barcos dos monarquistas fecharem o porto de Laguna, tentando impedir o acesso de entrada e saída dos republicanos, assim como de produtos do comércio, como comida. Garibaldi, muito esperto e estrategista, começou rompendo com o bloqueio, enviando um pequeno barco que servia tanto para verificação de como estava a situação dos inimigos como para despistá-los. Quando Garibaldi viu que a estratégia do pequeno barco deu certo, ele enviou três navios republicanos, que navegaram por dias, tranquilos e sem perseguição.

Enquanto isso, os republicanos e Anita eram treinados a lutar corpo-a-corpo, a usar os canhões que havia nos barcos, ou seja, foram dias de intenso treinamento e alegria para a jovem Anita, em meio a esse ambiente de batalhas. Depois de muitos dias de intensa batalha marítima, Garibaldi:

antevendo um confronto desvantajoso e temendo pela segurança e integridade de Anita, encareceu para que desembarcasse, acompanhando os feridos à Laguna, ou então que se pusesse a salvo, em terra firme, de onde poderia participar e assistir o desenlace da contenda. Em vão os argumentos. Respondeu que ficaria ali mesmo e que haveria de correr os mesmos riscos, como qualquer um dos homens e que para ela não fosse destinada atenção ou proteção especial. Queria ficar, para ser mais um a ajudar no combate. E não para ser protegida. De nada adiantaram os argumentos. Resoluta, Anita permaneceu a bordo (Cadorin, 2019 p. 20).

Em 4 de agosto, os três maiores navios da armada imperial, o *Bela Americana*, o *Patagônia* e o *Andorinha* compareceram na embocadura de Imbituba imediatamente e abriram fogo contra o navio *Rio Pardo* dos republicanos, onde estavam Anita e Garibaldi. Foi nesse ato, que Anita mostrou-se uma grande guerreira, não fugindo, entusiasmando o grupo de republicanos a lutarem e armada de fuzil. Mesmo com o aumento da violência imperial, Anita não se acovardou e nem desanimou, incitando os guerreiros a lutarem, e mesmo quando um tiro de canhão fez em estilhaço a amurada, arremessando-a, ela não se deixou acovardar e continuou a lutar, até que:

O dia findava quando, para surpresa dos republicanos, os imperiais começaram a retirarem-se e distanciando-se. A reação de Anita havia despertado tamanha disposição que nos últimos momentos os republicanos conseguiram provocar uma séria avaria no casco da nau *Bela Americana* e um tiro havia ferido mortalmente seu oficial comandante, o que a obrigava retirar-se do combate e ir buscar mais reforço (Cadorin, 2019, p. 21).

O combate naval de Imbituba havia chegado ao fim, sendo um símbolo do batismo de fogo de Anita, onde ela se revelou corajosa e uma verdadeira guerreira. Tiveram muitas mortes e avarias para ambos os lados, porém, a vitória foi dos republicanos. Depois de excessivas batalhas, termina a República Juliana, em 15 de novembro. Depois desses acontecimentos e já considerada uma mulher guerreira, em janeiro de 1840, Anita é presa em um conflito que acontece em um rio de Curitiba, de onde foge e, só depois de oito dias, reencontra seu amado em Lages.

Em setembro de 1840 nasce o primeiro filho do casal, Domingos Menotti Garibaldi, em São Luiz de Mostardas-RS. Depois de intensos acontecimentos perigosos em relação aos conflitos de guerra, Garibaldi se afasta do movimento Farroupilha e decide ir para Montevidéu, no Uruguai, junto com a companheira, onde se casaram em março de 1842. Depois disso, já em 1843, Anita dá à luz a Rosita Garibaldi, que morreu em 23 de dezembro de 1845. Nesse mesmo ano, em março, nasce Terezita Garibaldi e, em 24 de fevereiro de 1847, nasce Ricciotti Garibaldi, em Montevidéu. Anita e os filhos partem, neste mesmo ano, para a Itália, onde passam a viver em Nizza, terra natal de Garibaldi. Em julho de 1849, Anita e Garibaldi acompanham legionários italianos para a guerra que ficou conhecida como “Retirada de Roma” e, já nessa saída, a heroína apresenta sinais de que está doente, como a

febre, mas a sua vontade de ir à luta e ficar próxima do marido a fazem prosseguir viagem, passando por várias cidades. Em 3 de agosto eles chegam à praia de Magnavacca, onde ela tem seus últimos momentos de lucidez e é levada a um médico, porém, no dia seguinte, morre, após muito sofrimento.

Segundo o estudioso e escritor Cadorin (2000), o corpo de Anita foi enterrado por sete vezes: a primeira vez, ele foi transportado em um carro de duas rodas, afastando-o da Fattoria que foi o lugar onde ela morreu, que atolou na areia e, por isso, os operários tiveram que puxá-la com uma corda no pescoço até o local do sepultamento. Dias depois, a mão de Anita, enterrada em uma cova rasa, foi vista por uma menina que contou aos seus pais, que, por sua vez, contaram à polícia, que ficou responsável pela investigação da morte e autópsia do corpo, fazendo com que o segundo sepultamento ocorresse no cemitério local. Dez anos depois, os admiradores dela e de Garibaldi, desenterraram o corpo e o colocaram em uma urna, escondendo-o em um lugar seguro. O quarto sepultamento ocorreu quando o padre responsável pelo segundo enterro descobriu o roubo e o trouxe de volta, enterrando no interior da igreja. Em 1859, Garibaldi retornou com os filhos e cumpriu a promessa de fazer um enterro digno, trasladando-a para Nizza. O sexto sepultamento ocorreu pois Nizza virou território da França em pagamento ao empréstimo da guerra e, dessa forma, o corpo foi enviado pelo governo de Mussolini para Gênova, enquanto as obras em homenagem à heroína em Roma ainda não haviam terminado. Em junho de 1932, as obras no Gianículo haviam sido concluídas e, por fim, foi enterrado o corpo de Anita, onde permanece até a atualidade.

Uma das primeiras obras a se voltar à narrativa biográfica de Anita Garibaldi é um conjunto de memórias, **As Memórias de Garibaldi**, escritas pelo amado da heroína, que constrói sua imagem de mulher-guerreira, fiel a seus principais claros de igualdade e justiça, mulher corajosa e destemida, construindo assim o mito da heroína, localizada no espaço público, que foi o que mais foi dado ênfase pelos historiadores ao longo dos anos. Contudo,

no Brasil, a história de Anita permanece praticamente oculta no século XIX porque ela transgride as regras da sociedade patriarcal vigente para se amasiar com um revolucionário. Com o fim do Império e a implantação da República em 1889, a imagem dela é evocada pelos historiadores brasileiros, no intuito de promover heróis que lutaram pelo novo regime. Assim, a versão das Memórias de Garibaldi, por Alexandre Dumas, possivelmente uma das mais conhecidas e lidas, é traduzida somente em 1908, no Estado do Rio Grande do Sul (Ribeiro, 2011, p.15).

A partir daí, os historiadores e biógrafos passaram a dar ênfase à atuação de Anita no espaço privado, como mãe, esposa e dona de casa, o que tem um lado positivo e negativo ao mesmo tempo: positivo, pois passamos a ter narrativas que tinham o cuidado em apenas não mostrar somente a figura heroica, mas também evidenciar Anita em sua intimidade, no intuito de humanizá-la; negativo, pois essas narrativas, por vezes, a colocavam como uma mulher que seguia padrões patriarcais pregados pela igreja e difundidos na sociedade ao longo dos séculos, prendendo-a na “caixa” da mulher que dentro de casa se submetia às regras impostas pela sociedade. É considerável destacar a importância de que existam obras que reflitam essa dualidade da figura feminina no âmbito público e privado, dando ênfase às duas esferas ao mesmo tempo, evidenciando que se trata de uma mulher que rompeu com as regras impostas ao “ser mulher”, ao que foi estipulado socialmente como papel feminino, e mostrando como ela emerge em um espaço vetado às mulheres, todavia, pondo em evidência sua face privada, a mãe, esposa e mulher que ela foi em seus mais primórdios sentimentos.

Um exemplo de obra que, justamente, traz Anita atuando no espaço público e privado é a prosa de Heloisa Prieto – sobre ela, trataremos adiante.

3.2 Anita-Farroupilha

A Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha foi a rebelião mais longa ocorrida no período do Brasil Império: iniciada em 20 de setembro de 1835, foi liderada por Bento Gonçalves da Silva, e se estendeu até 1º de março de 1845. As motivações para essa guerra, como já dito, foram as insatisfações dos estancieiros e charqueadores rio-grandenses contra a política provincial. Depois, que conseguiram as reivindicações iniciais, passaram então a desejar o separatismo da república Rio-grandense, fato que ocorreu em 1836 (Schmitt, 2018).

Foi na conquista de Laguna, que Anita, junto com Garibaldi, entraram na guerra: a moça aprendeu a manusear espadas e armas de fogo, carregar e disparar canhões – tudo para defender a causa farroupilha. Mulher visionária, decidida e corajosa, enfrentando diversas batalhas e enfrentando uma maneira de organização da sociedade em que a mulher era submissa ao marido e não podia se envolver em

causas políticas e sociais, a personagem de Prieto, começa, desde logo, a ser assim descrita:

Elegante, de corpo flexível, olhos e cabelos negros, Aninha era assunto constante nas redondezas. Os rapazes demonstravam verdadeira fascinação pelos gestos velozes e delicados da moça, pela sua compreensão acerca do universo das ideias. Isso, naturalmente, despertava verdadeira ira tanto nas outras jovens quanto em suas mães, "as comadres", que na certa temiam ver a filha perder um "bom partido", um jovem em idade de casamento, para a encantadora amazona.

Era como se Aninha tivesse uma alma que se afinasse com a das moças dos tempos futuros: autônomas, amantes de política ou adeptas dos esportes radicais, cúmplices de seus companheiros.

Talvez fosse como se, ao atravessar uma rua a galope, trouxesse à memória dos homens a lembrança da deusa Atena, maravilhosa e indomável, símbolo grego da luta pela justiça.

De qualquer modo, para as mães das moças de seu tempo, cada cavalgada de Aninha virava a cabeça tanto dos rapazes quanto das meninas, espalhando um desejo de aventura que aniquilava a graça dos leques, dos brocados dos vestidos, do romantismo à moda antiga, das conversas proibidas entre jovens tão cheias de suspiros e medos (Prieto, 2003, p. 13-14).

No trecho acima, podemos perceber que Anita é descrita como uma jovem diferente das outras, possuindo um espírito de liberdade, de coragem, força e, principalmente, de ousadia, sendo também vista como uma amazona e amante de política. Além disso, também é importante destacar o fascínio que despertava, justamente por conta da sua compreensão do universo das ideias; fato muito interessante, pois, na época em que ela vivia, as opiniões e ideias das mulheres não eram vistas como importantes e interessantes, estando associada à delicadeza, a roupas, ao lar e aos filhos. Contudo, ela era assunto constante em Laguna, pois causa escândalo entre as comadres e suas filhas, justamente, por seu jeito livre de ser, ao mesmo tempo gerando ira e medo entre elas: ira, pois às mães temiam que suas filhas perdessem um bom partido para Anita; e medo, pois às mães eram preocupadas que o jeito livre de Aninha, acabasse por influenciar e encantar suas filhas e os rapazes a serem também como ela.

No livro em comento, por ter esse jeito livre, por ser uma jovem de opinião, de ideias e ousada, Anita se assemelha muito às mulheres da contemporaneidade, que possuem, em determinados contextos, maior liberdade de escolha e podem exercer diferentes papéis na sociedade, além de possuírem direito político e liberdade sexual. Prieto faz uma relação da personagem com os novos paradigmas feminino, evidenciando que Anita foi, assim como muitas mulheres modernas são,

independente, envolvida com causas políticas e que apreciava esportes radicais, como as cavalgadas de cavalo.

Ao longo dos anos, a mulher, cada vez mais, conquista novos espaços na sociedade, que não lhes eram permitidos no passado, mostrando que podem e devem estar nesses lugares, assim como qualquer outra pessoa. São mulheres donas de si, donas do seu corpo, das suas atitudes, ações, pensamentos, que podem escolher o que bem quiserem para viver ou fazer, dependendo do contexto em que estão inseridas. O caminho percorrido até a atualidade foi um caminho árduo, que durou muitos séculos, e, obviamente, ainda temos uma travessia muito longa para chegarmos na igualdade que nossas antepassadas já defendiam. Assim, é interessante o modo com a autora faz uma relação de Anita com a deusa Atena, símbolo grego da luta pela justiça e sabedoria, além de ser uma deusa que pode ser vista nos campos de batalha. Foi ela também a primeira que amansou os cavalos para que os homens conseguissem domá-los, fato que também a liga com Anita, que adorava cavalos e adorava cavalgar.⁵

Ou seja, de modo coerente a este primeiro modo de traduzir sua heroína, Prieto vai se dedicar a esmiuçar todos seus feitos, sua coragem, bravura, perigos enfrentados e sua dedicação à revolução, reconhecendo-a como um símbolo da Farroupilha. Por isso, não podemos nos furtar a relacioná-la ao tema literário da “donzela-guerreira”, o qual aparece, deste os tempos remotos, em diferentes tipos de manifestações artísticas e culturais de diferentes lugares e em diferentes épocas. Evidente em várias culturas, a donzela-guerreira se aproxima ao poder das divindades mitológicas greco-latinas, passando pela epopeia antiga e às narrativas do fim do medievo e do Renascimento.

Na literatura brasileira, se destacam personagens como Diadorim, do romance de Guimarães Rosa, **Grande sertão: veredas**; e a protagonista de Domingos Olímpio, em **Luzia-Homem**. Já no cinema, podemos lembrar do filme de Luc Besson sobre a donzela guerreira de Orleães, **Joana D’Arc**, ou, por exemplo, a **Mulan** dos estúdios Walt Disney, baseada em uma fábula chinesa. Podemos citar, também, a **Lenda da Moça Guerreira**, de Ruth Rocha, e o romance **Memorial de**

⁵ Atena é filha de Zeus, e, segundo a mitologia, nasceu da cabeça do seu pai, sendo uma divindade da sabedoria, inteligência, do senso de justiça e das artes. Segundo Porto e Correia (2013), Atena é uma deusa estrategista em meio a guerra, auxiliando diferentes heróis gregos, como Hércules, Perseu e Aquiles, e participação na Guerra de Troia. Assim como Anita ela vai para os campos de batalha, mas segundo os autores, ela estaria muito mais ligada a bolar estratégias e não à ação de lutar, propriamente dita, diferente de Anita, que lançava bolas de canhões e lutava com espadas.

Maria Moura, de Rachel de Queiroz. Essa tipologia de personagem traz a mobilização de conceitos, o questionamento e revisitação de comportamentos impostos para os gêneros, expondo o choque entre desejo e norma, o que faz com que os valores tradicionais sejam confrontados, ajudando a esclarecer a diferença entre papel social e condição biológica:

A identidade social, pensada a partir de papéis a serem rigorosamente cumpridos, aparece apresentada de maneira tanto dissociativa, confrontando o lugar de cada papel, quanto deslocando sua função, desarranjando lugar e espaço para o qual está organizado. A donzela-guerreira parece ser esse campo experimental, proposto pela arte, seja popular seja erudita, para refletir essas questões. [...] Parece ser essa uma questão central explorada pelo tema da donzela-guerreira, em que esses limites se encontram, dando um tratamento abertamente histórico e social para valores que são fundamentalmente históricos e sociais (Vivalva, 2004, p. 17).

Também é repensado o tema da sexualidade, além da dimensão da homossexualidade, na medida em que, o guerreiro enamorado pela mulher-guerreira, que ele ainda não sabe que é mulher, não aceita estar apaixonado por um homem e procura sinais femininos que possam ser passíveis de questionamento e ponham por terra a sua paixão pelo mesmo sexo. Antes, contudo, de avançarmos, é importante lembrarmos o trajeto que levará a jovem Anita, sempre tão livre, às malhas do casamento:

Mais de uma vez, ao encontrá-la cavalgando em campos desertos, homens atrevidos haviam tentado barrar-lhe o caminho, com o propósito de dominá-la e seduzi-la à força.

Amazona ágil e decidida, desvencilhava-se dos inimigos com perícia. Porém, certa vez, ao voltar de uma praia aonde fora caçar siris, foi seguida por um homem, chamado João, que tentou seduzi-la, mas foi repellido. Para impedir a passagem de Aninha, fechou o caminho com seu carro de boi.

[...]. Aninha feriu o homem com o chicote, instigou o cavalo a disparar e escapuliu num passe de mágica.

Inconformada com as perseguições constantes, foi até a polícia dar queixa do fato. Porém, diferente de hoje em dia, quando um ataque dessa natureza acarretaria um mandado de prisão, o gesto de Aninha, o fato de ter recorrido às autoridades para defender-se de violência, gerou um enorme escândalo. Afinal, às mulheres não era permitido cavalgar livremente nem se manifestar ostensivamente contra as injustiças sociais. A culpada, na opinião geral, fora ela – tão linda e livre – por fascinar os homens ao seu redor.

[...]

Logo em seguida àquele incidente com João, morria seu pai. Para protegê-la dos ataques, dona Antônia decidiu que a melhor solução seria escolher-lhe um marido. (Prieto, 2003, p. 14-15)

É interessante considerarmos, neste trecho acima, o modo com a liberdade individual de uma mulher é tornada, pelo grupo social, um perigo à ordem, tanto que, logo após a morte do seu pai, Anita prontamente tem que ser inserida na ordem do casamento. De acordo com Canezin, o casamento possuiu uma finalidade social (sendo a família uma instituição e o casamento seria seu “ato de fundação”) e política (apaziguando situações entre povos e garantindo direitos aos maridos) – e, assim, a união matrimonial era tratada sem o consentimento da mulher, para quem, segundo certos ditames, “a única realização possível era o casamento e a maternidade, pois eram consideradas destituídas de mentalidade racional. Sua única vantagem era a maternidade, que lhe conferia a educação dos filhos, sempre sob a supervisão e autoridade do marido” (Canezin, 2004, p. 146). Portanto, o casamento se propagava como uma forma de subordinação da mulher, formalizando um “antagonismo entre homem e mulher em casamento monogâmico, e a primeira opressão de classes coincide com a do sexo feminino pelo sexo masculino” (Lerner, 1986).

Anita diferente de muitas mulheres, possuía um espírito livre e ousado, fazendo o que tivesse acesso à realização de suas vontades e lutando, desde nova, contra as injustiças sociais, como visto no trecho destacado da obra de Prieto. Porém, mesmo sendo uma mulher livre, também lhe foi imposto o casamento, como uma forma de domesticação, através de uma união arranjada por sua mãe: contudo, não podemos esquecer que esta foi a maneira como Dona Antônia vislumbrava um arranjo para proteger a filha dos ataques sociais e para podar essa liberdade conquistada. Talvez, para ela, Anita iria se contentar com o casamento, iria passar a seguir às regras, viraria uma dona de casa, uma esposa obediente e, futuramente, seguiria seu “destino” de ser mãe.

Como sabemos, entretanto, isso não aconteceu, pois Anita não se submetia às vontades do patriarcado, sendo o casamento o único traço de união entre o casal, Anita e Manoel, pois pensamentos, desejos e ideias entre os dois eram adversas. Eles não se falavam direito, não interagiam, não se comunicavam e eram, obviamente, infelizes, o que não era algo importante para a sociedade, visto que o comportamento dos dois estava atendendo ao esquema social predefinido, mas que não era nenhum um pouco satisfatório para os dois.

O casamento como uma das faces perversas do patriarcado, impõe à mulher um padrão de conduta necessário para o reconhecimento e preservação de sua

índole, sendo necessário que possua e conserve algumas “virtudes” – como a virgindade, o temor à religião e a obediência ao marido – como consequência, o respeito seria efetivado pela obediência e temor da esposa, além do ato de não o questionar, assim, qualquer mulher que fuja a esse padrão é considerada impura e indigna. Olhando por essa ótica, Anita era considerada indigna ao casamento, pela sociedade, pois nem tinha o temor religioso e nem uma velada obediência ao marido, não se sujeitando às suas vontades. A relação entre os dois era insuportável, pois além da convivência sem muita comunicação, os seus ideais políticos não coincidiam: Anita sonhava com o desejo de liberdade, mesmo não sendo permitido que a mulher tivesse seus próprios ideais, e Manoel temia qualquer mudança política. Talvez, por isso, vendo que seria impossível domar e domesticar essa mulher, um ser livre, Manoel tenha abandonado o casamento, com a desculpa de ir à guerra.

Na narrativa de Prieto (2003), outro fato é interessante de pontuar: o matrimônio é efetivado dada a ausência do pai, que morre, e não como uma forma de imposição pelo mesmo ou de dar orgulho para ele, diferenciando-se dos demais casos, mas, ao mesmo tempo, também se refere a necessidade de honrar à família, não fugindo totalmente das amarras da sociedade patriarcal. Dessa forma, podemos inferir que a mãe de Anita não estava preocupada, propriamente, com sua filha e sua felicidade, mas sim, preocupada em zelar pela honra familiar, que antes já era burlada pelas ações de Aninha, mas que podia se intensificar ainda mais pela ausência do seu marido, o que reforça o caráter social, político e econômico do casamento, já referido anteriormente.

Nesta direção, podemos apontar para aquele perfil da “donzela-guerreira” destacado anteriormente, considerando a discussão presente na dissertação de Silva (2010), em que a autora estabelece diferentes versões do romance ibérico de “A Donzela Guerreira”, o qual é estruturado a partir da divisão em sequências, que, nas versões mais completas, são em quatro: a abertura, a androginização da donzela, as provas e o desfecho.

A abertura é a sequência que apresenta a situação inicial do pai que não pode participar da guerra por causa das suas condições físicas e lamenta por não ter um filho que possa participar do combate e, às vezes, amaldiçoa a esposa por só ter tido filhas mulheres. Em resposta a lamentação do pai, uma filha “voluntaria-se para tomar o lugar do filho que não existe” (SILVA, 2010, p. 20). Depois da dramatização

inicial vêm a segunda sequência, que é a androginização da donzela, ou seja, quando se dá a transformação exterior dela, numa mutação para uma identidade vista como masculina. A terceira sequência são as provas, que passam a acontecer nos sete anos passados na guerra e que tem por objetivo desconstruir o disfarce criado na sequência anterior, ou seja, iniciam-se as desconfianças em relação ao gênero da guerreira e surge um companheiro de guerra que se sente apaixonado, notadamente ao enxergar nela seus traços femininos, especialmente seus olhos: a donzela só revela sua identidade nas duas últimas provas, que são a de nadar ou dormir com o guerreiro apaixonado. Um fato interessante é que o ambiente da guerra nunca é citado nessa sequência, pois a preocupação não é a guerra em si, mas desmascarar a donzela para desmontar as suspeitas do guerreiro enamorado. A última sequência é o desfecho, no qual a donzela, já descoberta, volta à casa da família para, então, se casar com o guerreiro enamorado. Importante salientar que ela só assume sua identidade feminina apenas quando retorna a terra natal.

Essa narrativa mostra a coragem da donzela em sair de sua posição identitária e assumir outra, para dar orgulho ao pai, mas reduzem essa experiência à necessidade de equilibrar a vida novamente por meio do casamento. Ou seja, essas versões não dão enfoque às experiências vivenciadas pela donzela na guerra, experiências essas que não eram possíveis devido aos papéis sociais divididos para homens e mulheres. Ao contrário do que aponta Silva (2010) em sua análise, em **Anita Garibaldi, Estrela da Tempestade**, o enfoque no enredo não é dado somente a esse ciclo de construção e desconstrução da guerreira com vistas ao equilíbrio por meio do casamento, é dado às experiências vivenciadas como guerreira e aos conflitos atravessados, inclusive nos campos de batalha.

Nesta direção, podemos afirmar que a narrativa em comento foge àquele modelo tradicional, pois não segue a sequência de quatro partes. Observemos que Anita não vai à guerra por necessidade ou desejo do pai, até porque, no início da narrativa já sabemos que ela perdeu o pai. Ela vai para a guerra por desejos próprios, desejos de vivenciar esse universo que só era concedido aos homens, vai mediante um impulso pessoal em vista das ideias revolucionárias de liberdade e igualdade e vai, também pelo companheirismo que constrói com o seu amado Garibaldi, com o intuito de ajudá-lo nas batalhas.

[...] não é que a menina atrevida conseguira conquistar o italiano aventureiro por quem todas as moças suspiravam?

E ela não só o conquistara como se atrevera a deixar a casa, esquecendo-se de que teria que aguardar a volta do marido ou o comunicado de sua morte para talvez permitir a "corte" – palavra que se usava na época para se referir a namoro – de um estrangeiro.

Mas se havia algo que Anita conhecia muito bem era a língua venenosa das comadres. Continuou a enfrentá-las com atitudes firmes e seu belo nariz empinado.

[...]

No dia 20 de outubro de 1839, Garibaldi zarpuou, com Anita ao seu lado, comandando uma pequena esquadra farroupilha até o litoral paulista. [...]

Anita sabia enfrentar as comadres, sabia também vencer os homens que a perseguiram quando cavalgava sozinha, mas estar numa batalha era inteiramente diferente. [...]

Nesse momento, foi como se um novo elo nascesse entre ambos. Quando duas pessoas se relacionam, existem vários tipos de trocas: a intimidade da confiança, o aconchego do namoro, os ideais compartilhados e, no caso de formarem uma família, os filhos.

Existe ainda uma outra forma de intimidade que é a amizade expressa em plena ação. Quem já fez uma viagem inesquecível, quem já sobreviveu a sustos ou perigos reais sabe que a pessoa que estava ao seu lado sempre ficará marcada no coração.

Trata-se de uma comunicação sem palavras, como a que se tem quando se constrói um castelo de areia ao lado de um amigo querido nos tempos de infância ou quando você escorrega e quase leva um tombo horrível, mas a mão da amizade surge para impedir o pior. (Prieto, 2003, p. 24-25)

A guerra era um elo forte, dentre outros, que unia Anita e Garibaldi, fazendo com que compartilhassem ideias, estratégias e experiências. Garibaldi já era ligado a questões revolucionárias, antes mesmo de chegar a Laguna, e já tinha participado de batalhas em prol da causa; despertando em Anita, também adepta da revolução, a vontade de guerrear ao seu lado, participando ativamente de conflitos. Prieto (2003) faz questão de pontuar esse laço da guerra entre os dois quando diz que seria a "intimidade expressa em amizade em plena ação", que faz com que se criem elos entre quem divide uma experiência extrema. Além disso, também se trata de uma comunicação sem palavras, pois a mão companheira está sempre ali para ajudar o outro, com quem se tem um elo e sabe-se que pode contar em todos os momentos. Assim era a relação de Anita e Garibaldi em meio à guerra, os dois gostavam de estar em batalha, eram companheiros de ação, de estratégias e compartilhavam o mesmo desejo de aventura e de defesa nos campos de batalha. O laço da guerra era tão forte entre os dois, que mesmo estando em situação de doença ou gravidez, Anita corria ao campo de batalhas para ajudar seu marido, que mesmo querendo relutar em algumas ocasiões, compreendia a amada: os dois não conseguiam ficar longe da ação e não tinha quem os impedisse de participar desses combates.

Ao ler a obra de Prieto e reconhecer que a guerra era um laço entre os dois personagens, o leitor atual pode ser invadido pelo desejo de também construir, com outra pessoa, elos em comum, talvez ficando muito interessado em também saber e vivenciar esses sentimentos e experiências a dois, principalmente porque os leitores dessa obra são jovens leitores, em idade de ensino fundamental e médio, inseridos em uma fase da vida de descobertas, de desejos por novas experiências, por conhecer o “amor da sua vida” e construir com ele projetos em comum. Esse leitor pode passar, então, a questionar sobre os laços entre Anita e Garibaldi, podendo pensar: como um ambiente tão hostil, quanto o da guerra, pode figurar como uma questão de união? Mas essa pergunta é respondida por Prieto (2003) quando ela fala que, em situações de ação e de perigo, nasce uma das intimidades, que é a amizade em ação. Enfim, esse leitor pode tanto questionar, refletir sobre esses laços construídos entre as personagens quanto pode também ele aspirar a ter elos assim formados com outra pessoa.

Diferente das outras donzelas da literatura, na história de Anita, a guerra e as batalhas não são apenas momentos vividos que serão abandonados quando ela retornar à terra natal e se casar: a guerra fez parte da vida da personagem que, aliás, não tem como importância ser “donzela”, pois que é uma mulher que ama e deseja, e que, sim, guerreia lado a lado com os homens. Até seus últimos momentos de vida, pois esta foi uma experiência constante em sua vida e – destaque-se – ao contrário do mito, aqui, ela foi mulher, mãe, esposa e guerreira ao mesmo tempo. Outro diferencial da narrativa de Prieto, em face da vida de Anita, é que esta personagem não foi posta a provas por seu amado ou por outras pessoas, porque já sabiam que ela lutava e era guerreira, ou seja, a androginia não se coloca enquanto uma máscara a ser utilizada no campo de batalha, pois ela foi uma mulher muito ativa nos combates e sua fama se espalhou por todos os lugares, conquistando vários admiradores.

De toda sorte, não podemos escapar do entendimento de Vivalva (2004) que aborda sobre o modo como o ambiente da guerra, historicamente falando, não foi destinado às mulheres, com exceção, quando eram autorizadas por causa de crenças em seus poderes mágicos que trariam vitórias – como é o caso de Joana D’Arc, aliás personagem a que Prieto também irá comparar a sua Anita.

Dentro da literatura ou na História Ocidental, a figura da mulher guerreira é evidenciada tanto sozinha quanto em bando: estando sozinha, ela é denominada

pela crítica como a donzela-guerreira, que vai para a guerra vestida de homem para dar orgulho ao pai, que não possui filhos homens, sendo Atalanta a primeira donzela-guerreira, segundo a pesquisadora do tema, a professora Walnice Nogueira Galvão, citada por Vivalva (2004). De outro lado, estando em bando, ela é denominada de “amazona”, formando leis e regras próprias.

Desde a Antiguidade se deu ênfase à inversão dos papéis entre homens e mulheres, fazendo com que essas tivessem o monopólio da função da guerra, pois, as amazonas, afinal, recusam a instituição matrimonial e o compartilhamento da companhia masculina. Alguns séculos depois, as amazonas chegam ao novo continente, através de crônicas escritas em colônias portuguesas e espanholas durante o século XVI e concorrem com o mito do paraíso terrestre, evidenciando o quanto era grande o fascínio por histórias de mulheres destemidas e corajosas.

Assim, as narrativas das amazonas e das donzelas-guerreiras são aproximadas por serem narrativas que trazem a condição guerreira da mulher, tendo como base a inversão dos papéis sociais, estabelecendo uma polarização entre a guerra e o casamento, pois, ao mesmo tempo, eles se afastariam e se complementavam, à medida que um seria destinado ao homem, a guerra, e o outro à mulher. As narrativas das donzelas-guerreiras, ao trazerem o desmonte da legitimação de papéis sociais, realizam pela inversão à discussão das relações de gênero, comprometida em serem revitalizadoras do Ser social:

Nesse aspecto, o olhar do outro constitui poderosa arma na assimilação ou apreensão do indivíduo sobre si. Ser reconhecido pelo outro é que permite a instauração de uma consciência. Para Simone de Beauvoir somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo com um Outro. É nessa perspectiva que acreditamos estar orientado todo processo de configuração da donzela-guerreira, seja na literatura oral seja no romance brasileiro do século XX (Vivalva, 2004, p.15-16).

Através da figura da donzela-guerreira também são repensados outros temas como a questão da configuração familiar, das “funções” de cada um, a figura paterna como base da sociedade patriarcal e a ausência da mãe, confrontando a estrutura dos contos de fada. Há em Anita essa ambiguidade: ao mesmo tempo que é comparada e possui aspectos das amazonas, como o desejo pela guerra, o fato de estar em bando, possuir leis e regras próprias e a sua relação com os cavalos, é também aproximada e possui características da “donzela-guerreira”, que, assim como Joana D’arc e Atena, se vestiu de roupas ditas como masculinas: ela é comparada a

Atenas por Garibaldi que “gostava de comparar a sua amada à deusa grega Palas Athena, a deus guerreira, de extrema beleza, protetora da justiça e da sabedoria, a mulher mais corajosa e feminina de que ele já tivera notícia” (Prieto, 2003, p. 24), bem como à “sua santa Joana d’ Arc, [quando] vestiu-se com roupas masculinas, cortou os lindos cabelos negros e acompanhou a tropa” (Prieto, 2003, p. 51).

Apesar de possuir características em comum com as Amazonas, esse perfil associado a ela é questionável, dado o fato que ela se casa com Garibaldi e constrói com ele uma família, diferentemente das Amazonas que recusam a união matrimonial e, se quer, a relação mais aproximada com homens. Assim, a heroína é aproximada do perfil da donzela-guerreira, que se casa no final das narrativas, pela questão do matrimônio. Anita é comparada às Amazonas em trechos como: “Amazona ágil e decidida, desvencilhava-se dos inimigos com perícia” (Prieto, 2003, p. 14) e em relação ao sentimento de solidão, como no trecho “como preferia a companhia de seus cavalos e animais, a solidão não se transformou num castigo assim tão severo” (Prieto, 2003, p. 15).

Pode-se dizer, assim, que Anita possui traços tanto das amazonas quanto das donzelas-guerreiras, mesmo que dessa última se afaste em relação ao desejo de ir à guerra para dar orgulho ao pai, à questão de ter sua identidade posta a provas e, também, o aspecto da androginização, que, no caso de Anita, só acontece em uma determinada situação e não é uma máscara que ela coloca por anos, como no caso das donzelas. Anita é uma mulher única, uma personagem única, formada pela fusão de características de outros dois tipos de guerreira, construindo o que se poderia colocar como uma terceira forma de ver a mulher na guerra, criando a sua própria personagem, com sua personalidade única. É o seu desejo próprio de ir a guerra, vestida dela mesma, e o seu amor por Garibaldi, com quem divide uma vida experiências e felicidades, que afastam ela dos perfis de mulheres guerreiras citados.

Desde muito jovem, Anita tinha, já dentro de si, o desejo de liberdade e de igualdade que a revolução defendia e pretendia trazer, tanto é que, na primeira carta que aparece no livro, endereçada a sua irmã, ela já ali afirmar seu desejo de ser livre e de fazer o que quiser como “por exemplo, ajudar meu tio a preparar a revolução. E não me diga que estou louca.” (Prieto, 2003, p. 7). Essa menina que tinha paixão por cavalos e pela vida ao ar livre, era vista como uma Amazona que trazia, à “memória dos homens, a lembrança da deusa Athena, maravilhosa e indomável, símbolo

grego da luta pela justiça” (Prieto, 2003, p. 13). Em 1835, quando oficialmente começou a Revolução Farroupilha, Anita estava casada com o sapateiro Manoel, defensor da monarquia, o que fez com que não houvesse quase nenhum diálogo entre os dois, pois as diferenças entre eles eram “insuportáveis para ambos. Aninha sonhava com o ideal de liberdade republicano, enquanto Manoel, homem metódico e apegado aos antigos hábitos, temia toda e qualquer mudança política” (Prieto, 2003, p. 18).

Ainda nesse mesmo ano, Manoel decide ir para à guerra, defender seus ideais monárquicos, de onde não se sabe se voltou e nem vieram notícias suas, fato que caracteriza o fim da relação entre ele e Anita. Um pouco após esse mesmo período, chega a Laguna, Giuseppe Maria Garibaldi, que se apaixona, rapidamente, pela mulher corajosa e espetacular que era Anita. A relação entre os dois foi aflorando, o que só foi possível devido ao desaparecimento do ex-marido de Anita, e só após três anos desse sumiço, encantada e atraída pelos ideais republicanos, ela o acompanha pela primeira vez, em 1839, com uma pequena esquadra farroupilha até o litoral paulista, onde, na volta, foram atacados. Essa foi a primeira vez que a jovem guerreira teve o seu primeiro contato direto em uma batalha, o que impulsionou dentro dela o desejo de lutar ao lado de Garibaldi, que fez com que ela tivesse os melhores treinamentos, o que ainda assim “ao vê-la em ação ficou profundamente impressionado com sua coragem e capacidade de liderança” (Prieto, 2003, p. 24).

3.3 A Anita guerreira em Heloisa Prieto

A Anita guerreira, que começa a se expor, era bastante corajosa, proativa, destemida, forte e teimosa e dona de si, não deixando que ninguém lhe dissesse o que ela podia ser ou fazer, o que se pode constatar em uma carta de Garibaldi, também citada por Prieto (2003, p. 26), logo após outro combate, em novembro daquele mesmo ano de 1839:

“Anita que, como já disse, não havia querido desembarcar, tinha também tomado parte no combate e, com a clavina na mão ajudava-nos admiravelmente. [...] achava-se de sabre em punho em cima do tombadilho, animando os meus homens. Repentinamente uma bala a derrubou e a dois de meus camaradas. Corri para ela, julgando não encontrar mais que um cadáver, mas Anita levantou-se sã e salva [...] supliquei-lhe então que

descesse para a câmara. ‘Sim, vou descer’, me disse ela, ‘mas é pra enxotar os medrosos que foram se esconder’. E bem depressa tornou a aparecer, trazendo dois ou três companheiros, envergonhados por serem menos corajosos do que uma mulher” (PRIETO, 2003, p. 26).

Mesmo sendo uma mulher forte, que não dava ouvidos às opiniões alheias, a face humana da guerreira também é exposta por Prieto (2003), quando mostra que a frieza e os comentários das comadres, tocavam nas feridas antigas de Anita, que, em carta a sua irmã, relata:

Peço que você me defenda com muito carinho. Vou precisar dele, porque com certeza você vai ouvir falar coisas horríveis sobre mim. E não vá me dizer que sou exagerada ou que todos já estão acostumados com o que dizem a meu respeito. Fique sabendo que as más línguas de sempre já começaram o falatório. [...] Todos eles e são muitos, falam da afronta que estamos fazendo ao Manoel, que se transformou, na história deles, num herói do exército imperial. Eu, a sem-vergonha, o estou traindo com um aventureiro estrangeiro (Prieto, 2003, p. 27-28).

No âmbito do espaço público, Anita era julgada por ter seguido sua vida ao lado de Garibaldi, mesmo tendo feito isso só então após três anos do desaparecimento de Manoel. Para a sociedade, Manoel era o certo e Anita a errada, justamente, por conta do poder masculino, poder esse que tanto subjuga às mulheres durante os séculos. Ao homem tudo é permitido, sendo permitido e aceito como certo que Manoel abandonasse sua jovem esposa em prol de suas questões ideológicas, mas quando se inverteu a situação e Anita é quem quis defender suas ideias, foi vista como errada, tanto pelas ideologias defendidas quanto pelo fato de “abandonar” o casamento e seguir a vida ao lado de outra pessoa. Enquanto publicamente a imagem construída de Anita era a de “sem-vergonha”, de traidora, a imagem de Manoel construída era a de herói que abandonou a casa por uma luta maior.

Anita também fala sobre revolução: “Desta vez, juntaram-se a elas as condenações dos que não têm simpatia pela causa revolucionária, quer dizer, aqueles que têm medo de perder os seus privilégios, aqueles que já são ricos às custas de nós, os pobres” (PRIETO, 2003, p. 28). Nessa parte da carta, ela se mostra uma mulher de opinião, que fala o que tem vontade e o que pensa e demonstra seu conhecimento sobre a questão da sociedade e de seus privilégios. Em 1839, no combate de Curitiba, em Santa Catarina, Anita tem a função de

prover os soldados com cartuchos e essas idas e vindas da retaguarda para a linha de frente, fizeram com que ela fosse capturada pelos soldados inimigos:

Como era típico dela, no lugar de fugir ou render-se, Anita instigou o cavalo, avançando entre os homens para escapar. Uma bala arrancou o chapéu de sua cabeça. Isso não a deteve. Acontece que a segunda bala atingiu seu cavalo. Foi presa e levada à presença do coronel Melo Albuquerque, comandante das tropas imperiais (Prieto, 2003, p. 33).

Além de não se render, tentar escapar e ser presa, a guerreira era tão determinada que pediu permissão, em meio àquela situação, para procurar por Garibaldi entre os mortos, não o achando. A guerreira apaixonada, usa sua astúcia para fugir, percorrer dezenas de quilômetros em um cavalo até encontrar com as tropas Farroupilhas e seu amado, o que: “surpreendendo todos, até mesmo o próprio marido” (PRIETO, 2003, p. 34).

Em 1840, a guerreira, já mãe do pequeno Menotti, tem que fugir e passar alguns dias na mata com seu pequeno bebê. Em uma carta endereçada a irmã, ela fala que poderia ficar em casa por um tempo, mas isso seria contra sua natureza guerreira: “porque tenho necessidade de espaço, movimento, de justificar de algum modo a minha existência” (PRIETO, 2003, p. 34). Ser uma guerreira fazia parte da sua existência, não era apenas uma coisa momentânea era algo intrínseco a ela, uma parte de sua personalidade, que se fosse retirada, causaria grandes estragos. A guerra trazia perigos para a cria dessa jovem soldada, mas também foi ela, a guerra, quem construiu Anita, quem a ensinou a agir e tomar atitudes, inclusive, de proteção com o filho: a guerra transformou Anita em uma guerreira. E, nessa mesma carta para a irmã, percebemos o quanto essa Anita era esperta, valente, rápida e astuciosa: “Ouvindo o barulho e os gritos, percebi que estávamos em perigo. [...] Não conseguiram nos raptar porque antes que percebessem eu já estava longe. Escondi-me na mata, num lugar de vegetação cerrada” (Prieto, 2003, p. 35).

Em 1840, a guerra piorava cada vez mais, mas nem Anita e nem seu amado não se renderam diante das dificuldades e nem tão pouco queriam renunciar ao sonho da liberdade, ainda mais com tantas vidas perdidas em prol do objetivo da revolução. Por não concordar com algumas atitudes dos farrapos, Garibaldi pediu dispensa do exército de republicano e Anita só concordou porque sentiu que a intenção de “Garibaldi não era a de abandonar definitivamente a causa republicana.

O sonho de liberdade e fraternidade continuava vivo, mesmo que ambos fossem tentar realizá-lo longe de sua terra natal” (Prieto, 2003, p. 35).

Eles foram para Montevideú, no Uruguai, onde viveram momentos de paz, e depois Garibaldi foi nomeado coronel do Exército e comandante da Esquadra Oriental. Em 1845, após a morte de sua filha Rosita, por asfixia devido a uma infecção na garganta, Garibaldi que estava combatendo com a legião italiana longe da cidade, sabia que o que ajudaria Anita era estar em meio ao ambiente de batalhas, pois “ele conhecia sua Anita e talvez soubesse que duas coisas a ajudariam nessa hora: a sua presença e o trabalho para amenizar o sofrimento dos outros” (Prieto, 2003, p. 45). E ela voltou atuando com enfermeira, o que só evidencia ainda mais que a guerreira não podia viver longe de guerras e de batalhas, pois só lhe fazia mal.

Após vitórias, Garibaldi sentiu vontade de voltar a sua terra natal e realizar o ideal republicano em suas terras e ser reconhecido, partindo em 1847 para Gênova. Eles chegaram à cidade em março de 1848 e foram recebidos com homenagens por todo o povo: “Já no cais do porto, Anita foi homenageada com a entrega de uma bandeira tricolor e fez um pequeno discurso em italiano. A população aplaudia sem parar” (Prieto, 2003, p. 46).

A guerra fazia parte de Anita, tanto que enquanto aguardava por Garibaldi em Nice, na França, ela resolveu deixar as crianças e voltar ao lugar onde ela amava estar, os campos de batalha, acompanhando “Garibaldi ao lado de 63 soldados numa luta onde os sicilianos defendiam sua independência” (Prieto, 2003, p. 49). Depois que Roma foi proclamada república, Anita bastante doente teve que voltar a Nice, mas como ela não conseguia ficar longe de tudo isso, voltou para ajudar Garibaldi, já que, para ela, era “impossível manter-se longe da ação, longe do marido; difícil não contribuir com seu talento para a luta, a estratégia e seu companheirismo” (Prieto, 2003, p. 50). Essa atitude de Anita mostra o quanto corria por suas veias o desejo pela adrenalina, o quanto era importante para ela estar envolvida em causas e batalhas que incidiam diretamente em seus ideais, mas também evidencia uma busca desesperada pelo encontro com o marido, talvez, vista na atualidade, quase que como uma questão de dependência emocional, o que, nem por isso, diminui a importância de Anita e de sua trajetória, pelo contrário, mostra seu lado humano, mostra que isso pode acontecer com qualquer um.

O governo francês ganhou a guerra de Roma, mas Garibaldi e Anita continuaram lutando e mesmo ela estando grávida e doente não quis deixá-lo e “como sua santa Joana d’ Arc, Anita vestiu-se com roupas masculinas, cortou os lindos cabelos negros e acompanhou a tropa” (PRIETO, 2003, p. 51). Nessa citação, fica claro, pela primeira vez, a dimensão da androginização que é quando acontece a transformação exterior da donzela, passando de uma identidade feminina para uma masculina. Essa androginização de Anita, possui aspectos de aproximação e de distanciamento em relação a esse processo com às outras donzelas: às distanciam, pois ao contrário das donzelas-guerreiras, essa etapa não aconteceu como fato inicial para o primeiro contato com a guerra, porque Anita já era uma guerreira nesse período citado, até então ela nunca tinha precisado esconder sua identidade feminina para estar em batalhas, assim, ela, à androginia, não se coloca enquanto uma máscara a ser utilizada no campo de batalha; mas, ao mesmo tempo, às aproximam, pois assim como às donzelas, Anita tinha um impedimento de ir à guerra, de forma que, as donzelas eram impedidas por uma imposição social e Anita estava sendo impedida por fatores físicos, pois estava doente e grávida.

O grande impedimento de Anita continuar lutando nesse momento citado, seria a gravidez, pois se configura, normalmente, com um momento de maior fragilidade da mulher, mas que mesmo assim, não a impediu ou a desencorajou de lutar, mostrando ainda mais sua face guerreira e sua ansiedade por estar em campos de batalhas. Devido ao seu estado de saúde e ao desejo e teimosia de não voltar para casa e ficar com o marido, eles resolveram ir ao estado independente de San Marino para se refugiar, porém, foram atacados por inimigos e a partir daí tiveram que usar de estratégias para tanto continuar lutando, como também para fugir para o mar. Enquanto fugiam pelo mar em embarcações, Anita ditou ao padre Bassi aquela que seria sua última carta. Além de relatar a irmã seu estado de saúde, ela também relatou os acontecimentos das últimas batalhas, da chegada à San Marino e a fuga, deixando evidente sua bravura e coragem, mesmo que essa não fosse sua intenção. Mas, nessa mesma carta, ela fala de suas angústias e fraquezas que a aterrorizam: “Não pude fazer nada para o José e, o que é pior, estou percebendo que, doente deste jeito, sou apenas um peso para ele, que agora luta pela própria vida. Este pensamento me incomoda e me angustia, pois me dá a medida da minha impotência (Prieto, 2003, p. 54-55).

Nessa citação temos uma dimensão do momento de fragilidade pelo qual passa Anita, que chega a se sentir impotente diante da situação vivenciada, um sentimento tão ruim, amargo, de querer ajudar, de ser a guerreira que sempre foi e não conseguir. Penso que, depois da morte da filha Rosita, esse tenha sido o momento que ela tenha se sentido mais impotente, o que evidencia o lado humano da heroína e faz com que haja uma identificação por parte de nós leitores, que também passamos por momentos de impotência. Ela fala também que:

Estou há horas assistindo às tentativas ansiosas de José para zarpar antes da chegada dos austríacos, enquanto eu, deitada no chão, sou inútil. Agora sou apenas um peso para todos, fazendo-os correrem o risco de atrasar a fuga para a salvação. Eu sei disso, mas não consigo controlar o terror que toma conta de mim ao pensar em enfrentar a morte sozinha, sem o José (Prieto, 2003, p. 56).

Nessa parte da carta é evidenciada mais uma vez a impotência de Anita que se sente agora inútil e um peso tanto para o marido quanto para o resto dos republicanos que tentam zarpar. Percebemos também sua fragilidade quando diz que está aterrorizada por enfrentar a morte sozinha, o que também é um medo da maioria de nós, acredito eu. Dá para sentir o desespero de Anita e nós, leitores, somos envolvidos pela situação e até transportados para ela, parece que estamos lá observando tudo e somos também impotentes, diante disso. Essa empatia dos leitores é possível, pois através da carta, nos sentimos próximos da heroína, ficamos íntimos dela e de seus sentimentos e desesperos. Ela não consegue se salvar e também nós não conseguimos fazer isso, e o que nos resta é observar atentamente a cena.

Mesmo após tentativas de Garibaldi de enganar os inimigos, eles foram atacados e muitos soldados capturados. Anita muito doente, confrontou a morte durante aquela noite e às 19:45 daquele dia, segundo Prieto, não resistiu. Morreu a amada de Garibaldi, companheira de vida e aventuras, mulher guerreira, aclamada pela sociedade pelos seus feitos nas guerras e batalhas que enfrentou: resistindo na memória de seu amado, “galopando por cima dos rochedos, à claridade dos relâmpagos; a jovem Anita irradiando força, estrela abrindo o véu espesso da tempestade” (PRIETO, 2003, p. 57).

Como vimos, até aqui, a narrativa de Prieto vai se tecendo mediante um recorte da epistolografia de Anita, enquanto uma estratégia para conduzir o leitor a

uma perspectiva cada vez mais interna sobre a personagem. Sobre isso, trataremos adiante.

4 DE QUANDO ANITA FOI À GUERRA: CARTAS NA NARRATIVA DE PRIETO

4.1 A epistolografia como recurso romanesco

Desde os tópicos anteriores, vimos afirmando a importância da carta para a construção do romance de Prieto, mesmo que ela não esteja, em sentido estrito, escrevendo um romance epistolar. Segundo o dicionário online, **carta** seria uma “correspondência, mensagem escrita ou impressa, que se envia a alguém, a uma instituição ou a uma empresa, para comunicar alguma coisa”. Ela estabelece um diálogo entre duas pessoas, que estejam próximas ou não, e se configura como uma das modalidades textuais mais antigas, sendo ainda usadas em situações específicas, como na literatura, notadamente nos romances epistolares, como já mencionado.

Ela se diferencia da comunicação oral por visar um destinatário em específico e pelo componente temporal e espacial que se coloca entre a sua escrita e leitura, sendo este componente um elemento narrativo de muita importância. A carta é diferenciada de todas as outras formas de comunicação por sua característica de graficidade, ou seja, sua fixação gráfica que, de acordo, com Jankowsky (2014), confere que uma carta escrita tenha uma existência própria, sendo incapaz de ser reescrita da mesma forma, ainda que pelo mesmo autor, e, mesmo que seja destruída, ainda sim, pode ter de ser caráter definitivo alterado, impondo sua existência além da materialidade.

Além disso, o autor chama a atenção para às “variantes de mutilação e destruição” que vão além do acidente da destruição apenas, como: a mutilação da carta total ou parcial, destruída, entregue a um destinatário errado e objeto de atraso. Ele chama a atenção, também, para as muitas opções de “acabamento da carta”, pois as cartas possuem suas próprias convenções e normas, que o autor tem de aceitá-las, quase que automaticamente. Por exemplo, em uma carta de amor é importantíssimo que se tenha atenção à forma e ao jeito em como se dão as saudações e as despedidas; diferentemente, em uma carta empresarial, como uma carta destinada à Receita Federal, as saudações não possuem muita importância e, sim, o conteúdo informado. O autor fala também de um ato “ilocucionário” que seria o ato que qualquer autor realiza visando o destinatário.

Em relação às cartas no romance, Jankowsky (2014) afirma que elas são escritas em primeira pessoa, enquanto o romance, geralmente, é escrito em terceira pessoa e que, assim, inserida em um romance, ela pode exprimir uma opinião diferente da que o narrador onisciente possui, de maneira verossimilhante. Dessa maneira, ela seria um meio de defender, atacar a opinião do narrador, sendo um meio de apresentação perspectivista e de caracterizar seus autores de maneira adequada. Uma outra função da carta, enquanto técnica narrativa, se deduz do componente espacial e temporal entre o envio e a sua leitura: assim, a inserção de cartas em romances é capaz de produzir mudanças de lugares e adiantamentos temporais.

As cartas intercaladas em romances serviram também, por muito tempo, como uma forma de “enfeitar” as narrativas, devido sua estrutura ordenada e fixa, servindo também como indicadores de formas de comportamentos para enfrentar determinadas situações, se aproximando do romance epistolar com suas “receitas de comportar-se bem”. De outro lado, nos romances em cartas, ou epistolares, as cartas são a formalização exclusiva, seguindo-se sem nenhuma interrupção e transição⁶, sendo as dimensões espaço-temporais marcadas pelas próprias cartas, que possuem referências às datas e ao lugar de onde foram enviadas.

Segundo Alves (2015, p. 183), dando o exemplo de obras de Érico Veríssimo, as cartas possuem a função de revelar pensamentos e sentimentos íntimos das personagens, “tornando-as mais próximas do leitor, ao mesmo tempo em que seus apontamentos contribuem de alguma forma para preencher o quadro histórico da narrativa” (2015, p. 183). Sendo assim, a carta serve tanto para ampliar as possibilidades fluxo de consciência de suas personagens, como seu caráter e índole, quanto para auxiliar o narrador a contar a história, sem economia de recursos, garantindo a coesão do enredo. Portanto, as cartas revelam características

⁶ Existe uma limitação do autor sobre esse tipo de romance, que não podendo se expressar pelo narrador onisciente, usa os prefácios e epílogos para destacar as omissões e cortes que fez, através do pretexto de princípios editoriais. Outra característica estrutural desse tipo de romance é o fato de o autor ter de participar de forma direta na ação, seja como “*dramatis personae*”, seja como testemunha. Outra característica é que incorpora o leitor na ação, dando-lhe o caráter de testemunha direta, dando a impressão de que o narrador passa para o segundo plano, gerando no leitor um sentimento de independência e de não-influência. Assim, pode ser um registro completo de sentimentos, angústias e inseguranças, apontando os problemas sociais da época representada, aspectos da cultura regional, dos relacionamentos pessoais, das confissões, despedidas, instruções, dramas do remetente, já que as cartas seriam algo como uma prova material da vida interior de seus autores e de suas memórias, podendo aparecer como documento histórico, empregado para oferecer informações, despertar sentimentos e emoções.

e intimidades das personagens, como também apresenta fatos importantes para a compreensão do contexto histórico. Dessa maneira, se assemelha à narrativa de Prieto (2003), que traz trechos da carta intercalados com observações do narrador, expressões imediatas das circunstâncias que definem o meio em que se desenvolve todo o enredo, além de todo o contexto histórico.

Dependendo dos propósitos, podem existir diferenciações nos conteúdos e formas desse texto, sendo (ou não) publicadas. Santos (2010, p. 54) afirma que:

A escrita de cartas é uma prática cultural realizada no recôndito dos espaços privados, no sigilo dos quartos, pelos cantos da noite, no despojar-se do contato com o externo circundante, e enseja-se também na invisibilidade dos espaços públicos, como a do alheamento das salas de aula, ou do isolamento nos transportes coletivos, até mesmo no reservado que a amplidão das praças abertas engendra... Conversa silenciosa, não alardeia a presença de sujeitos escritores/leitores, cujos fazeres permanecem muitas vezes pouco considerados, ainda mais atualmente, quando os fazeres dos usuários de tecnologias intercomunicativas mais recentes, como o e-mail e as redes de relacionamento on-line, recebem destaque nas mídias de massa.

A autora diz que a produção de cartas e a troca de correspondência postal ainda continua sendo uma prática na atualidade por quem não tem recursos para outros meios como e-mail, redes sociais, mas que também continua sendo uma prática de outras pessoas que mesmo possuindo outros meios de envio, preferem se comunicar através de cartas e participam de clubes de cartas, no qual são tratados desde a cor da tinta usada até o conteúdo tratado: são verdadeiros amantes dessa forma textual. Neste sentido, é importante que “possamos também pensar na escrita epistolar como um fazer autobiográfico, ou como possibilidade de escrita de si” (SANTOS, 2010, p. 55), já que, segundo Silva e Moreira (2016, p. 1), atualmente, há “um crescente aumento em relação à produção e comercialização das obras comumente denominadas ‘escritas de si’”, que desnudam intimidades e textos antes reservados a uma vida bastante restrita.

Um exemplo de obra que traz, justamente, essas produções íntimas é a obra de Heloisa Prieto, pois a heroína Anita é situada em sua intimidade, evidenciando seus medos, desejos e feitos – ou seja, esta documentação ali avocada estaria no âmbito da autobiografia, mas em função de outra realização estética. Este situar-se não seria uma forma de fixação, mas, sim, um inacabamento, que permite a reescrita, abrindo o texto para que o leitor se torne também um coautor da obra,

identificando-se e projetando-se nela. Segundo Santos (2010, p. 57), fazendo referência à obra de Lejeune:

Por sua dimensão criativa, os textos autobiográficos contêm traços de ficcionalidade: Aquele que é autobiografado converte-se em personagem. Deste modo, por conter elementos autobiográficos, a escrita epistolar é também espaço de criação, espaço de possibilidades para leituras diversas por leitores que se fazem interlocutor desses textos, ainda que não sejam seus destinatários originais (SANTOS, 2010, p. 57).

Assim, os textos epistolares, enviados a destinatários, contribuem também no exercício de uma “escrita de si”, pois ao escrever, o sujeito também lê o que escreve e pode ter reflexões, pensamentos, examinar-se, sobre as coisas escritas, seria um processo de se auto decifrar. Além disso, há uma possibilidade da presentificação, que se dá pela descrição das sensações, do sofrimento, das curas e é “mais uma influência, algo como um apelo sutil que o signatário lança, pedindo para ser olhado como ele próprio se vê, não como é visto pelos olhos do destinatário” (Santos, 2010, p. 59).

Dessa maneira, nas cartas, o autor se expõe, mesmo que seja de uma forma que ele gostaria que o outro visse, sendo a carta um olhar lançado sobre quem a lê e uma maneira do autor se oferecer para mostrar o que diz sobre si mesmo. Como sabemos, nesse gênero textual temos a apresentação da data, o vocativo, o assunto e a despedida como elementos estruturais e precisa de um emissor e de um destinatário. De acordo com seu contexto e propósito, o gênero carta pode ser dividida em:

- carta pessoal, estabelecendo a comunicação entre pessoas próximas ou com vínculos individuais, o que favorece o uso de linguagem coloquial e assuntos íntimos;
- carta empresarial ou comercial, veiculado no ambiente profissional, que possui linguagem formal e mensagem objetiva; e a
- carta oficial ou pública, que é veiculada em instituições públicas e possui uma linguagem formal, clara e concisa.

As cartas apresentadas na obra de Heloisa Prieto são cartas do tipo pessoal, estabelecendo a comunicação entre Anita e pessoas muito próximas a ela, como a

irmã mais velha, Felicidade, que morava no Rio de Janeiro, seu tio Antônio, sua mãe e alguns amigos do Rio Grande do Sul, do Uruguai e da Itália. Dessa maneira, a autora traz as cartas com a intenção de que o leitor entenda como Anita se sente diante das situações que se apresentam, seus sentimentos, suas intimidades. Conhecemos através das cartas uma Anita que se aproxima de um real, que sente medo, imperfeita, que sente ciúmes, a mãe, a esposa e a mulher. Com isso nos sentimos mais próximos a ela, mais íntimos até. Além disso, as cartas apresentadas possuem valor histórico, visto que, são relíquias do tempo da heroína e evidências de sua existência e modo de viver.

4.2 A dualidade de Anita: o espaço público e o espaço privado

Nesta direção, como já afirmamos anteriormente, Prieto se utiliza da carta para construir a narrativa, de maneira que, à medida que ela tece o enredo histórico, ilumina dados e fatos históricos, apresentando em seguida ou anteriormente uma carta de Anita, mostrando a visão muito particular da personagem-pessoa histórica sobre o fato que está sendo narrado no contexto da obra.

Na primeira carta apresentada no romance, por exemplo, Prieto (2003, p. 7-9) está falando do contexto de formação da Revolução Farroupilha e, assim, interpola sua narrativa com uma carta de Anita à sua irmã, em que se fala, justamente, de como está sendo essa formação dos conflitos, o que ela está sentindo frente a esse contexto, quais são seus medos, seus anseios e seus desejos. Assim, vejamos:

Laguna, janeiro de 1835.

Minha Querida Irmã.

[...]. Que grande invenção a escrita! Também quero aprender a escrever. Um dia vou encontrar alguém que me ensine. [...] Imagine só que maravilha poder ser livre! Poder fazer o que eu quiser! Por exemplo, ajudar meu tio a preparar a revolução. E não me diga que estou louca.

Você se lembra das noites que passamos em casa, ouvindo as aventuras dele e dos amigos, perto do fogo? Quando os ouvia, eu tinha sensações estranhas, fortes, sentia que estávamos todos unidos, amigos para toda a vida. Desde então procurei entender o que é a liberdade de que eles falam. Acho que as pessoas deveriam escolher quem as governa e lutar para os pobres não sofrerem mais, para todos poderem ler e escrever e para os doentes não serem abandonados à morte.

Tio Antonio está cada vez mais bravo. Desde que queimaram a casa dele, parece mesmo decidido a organizar a revolta, e você vai ver como ele

vai conseguir. [...] Nunca sei o que dizer aos rapazes. Eles parecem crianças. Ficam ali sem fazer nada, em grupinhos, rindo feito tontos. Eu tento evitá-los. [...] Também tento evitar as comadres, principalmente aquelas fofoqueiras e carolas que não preciso dizer quem são. Se vejo algumas delas a tempo, mudo de caminho ou entro em algum jardim.

Quando não dá, passo com o nariz empinado. A única coisa que elas fazem o dia inteiro é falar mal dos outros. As piores passam horas e horas na igreja e depois ficam o resto do tempo condenando todos ao inferno.

Além do mais, para elas, eu nunca seria uma pessoa correta. Minha saia é muito curta, não ando na rua com os olhos baixos, não vou à missa, saio sozinha, faço caretas, rebolo. As línguas delas disparam sempre que me veem. [...]

Querida irmã, as sombras estão ficando mais longas e tenho que voltar para casa. Amanhã, Maria Rosário vai a Lajes fazer umas visitas, mas quando ela voltar vamos acabar estas notícias para você. Enquanto isso, penso em você e te beijo,

Aninha.

Como visto, esta carta é datada de janeiro de 1935, o local é a cidade de Laguna e é endereçada à irmã Felicidade. A carta contém o relato de Anita sobre a preparação da revolução Farroupilha e suas reclamações sinceras sobre o falatório das comadres sobre ela, o que evidencia seu desejo por liberdade. Nessa primeira carta, se consegue enxergar uma menina jovem, de apenas 13 anos, que já aspira desejos de liberdade, que pensa e tem preocupações diferentes das outras meninas da sua idade. Fascinada pelo tio Antônio, homem revolucionário, e pelas histórias que ele conta, deseja com ele a extinção do regime monárquico, sendo defensora de ideias republicanas, diferenciando-se até nisso, das outras moças. Anita também deixa evidente seu incômodo com as fofocas das mulheres da cidade, que a julgam pelos seus hábitos “fora da curva”, mas não se deixa abalar pelos julgamentos, não deixando de fazer o que quer. Aparece também a fascinação que a personagem tem pela escrita e a sua tristeza de, nesse primeiro momento, não saber escrever. Quem a ensinou a ler e escrever foi o seu amigo o Mulato Costa que “apresentou à corajosa guerreira um livro, pelo qual tinha grande estima, sobre a vida de santos e santas. Foi nele que Anita aprendeu a ler.” (Prieto, 2003, p. 29). Francesco Anzani foi quem também ajudou Anita no processo da escrita, na ortografia, quando ela estava nos quartéis de São Gabriel (Prieto, 2003, p. 37).

A primeira questão que fica explícita, logo nessa primeira carta, é que Anita, desde nova, já é uma revolucionária, que tem ideias além do seu tempo, muito aproximada ao paradigma de uma mulher moderna. Ela não coincidia com o tempo em que vivia, pois tinha hábitos e praticava ações que não eram permitidas às

mulheres àquela altura, percebendo quanto as ideologias impostas às mulheres não eram boas e que precisariam lutar muito ainda para vencer essas amarras da sociedade. Além disso, outra questão bastante importante que pode ser discutida a partir dessa carta é sobre “o que é ser mulher” e questões de gênero.

Como já dito, Anita tinha preocupações diferentes das meninas da sua idade e hábitos iconoclastas, como andar a cavalo, nadar nua, ter opiniões políticas e desejos de liberdades. Segundo Judith Butler (2010), não podemos mais enxergar a categoria Mulher como um sujeito estável e permanente, mas é necessário recusar o caráter essencialista, pondo-o em xeque. O corpo não teria nada de natural, mas seria também construído socialmente, à medida que a criança é instruída pela sociedade, se transformando em uma mulher, neste caso. Por seu turno, o gênero seria “formado” pela incompletude, pois sempre estaria sempre se refazendo e se construindo e a mulher seria um termo em eterno processo e aberto a intervenções, ressignificações e mudanças, não cessando de se transformar.

Dessa maneira, podemos dizer que Anita não estava de acordo com o que era proposto e permitido ao gênero mulher, em seu contexto histórico, rompendo com essas imposições e sendo revolucionária, embora entendamos que existam diferentes formas de ser Mulher. Contudo, em nossa sociedade, como já se disse, o “valor é o homem” e, assim, haveria sempre uma demanda de igualdade, a qual, após a citação da carta, é fabulada pela autora do livro em estudo, como podemos ler abaixo:

[...]

Certa vez, trocaram as seguintes palavras:

– Tio, o que é essa igualdade dos republicanos da qual o senhor fala tanto? - perguntou Aninha.

– Igualdade é liberdade. Você sabe o que é ser livre, minha sobrinha?

– Sei, sim. Ser livre é cavalgar à noite, é nadar quando se sente calor, é trazer a noite estrelada dentro do coração.

E a cada dia, dona Antônia observava a filha que crescia – sempre ao lado do tio e do pai, seja nas conversas à noite, seja na lida com os animais –, linda, ousada e completamente diferente das outras meninas que amavam a delicadeza dos bastidores, o prazer dos doces caseiros e da companhia atenta de uma mãe cuidadosa.

[...]

“Como alguém pode preferir os limites de uma casa ao prazer da imensidão dos campos?”, pensava essa menina que se apaixonara pelos cavalos, pelas ideias, pela luta em defesa de uma liberdade sem a qual ela jamais poderia viver (Prieto, 2003, p. 10-11).

Para Scholz (1996), o “valor” (financeiro, objetivo) é associado ao masculino, já que foram eles os precursores dessa maneira de estabelecer a socialização, estando vinculadas a eles algumas características como força, racionalidade, pensamento científico. Já o dissociado seria o feminino, identificado com características como emotividade, amor, cuidado e fragilidade:

“O valor é o homem”, não o homem como ser biológico, mas o homem como depositário histórico da objetivação valorativa. Foram quase exclusivamente os homens que se comportaram como autores e executores da socialização pelo valor. Eles puseram em movimento, embora sem o saber, mecanismos fetichistas que começaram a levar vida própria, cada vez mais independente, por trás de suas costas (e obviamente por trás das costas das mulheres). Como nesse processo a mulher foi posta como o antípoda objetivo do “trabalhador” abstrato — antípoda obrigado a lhe dar sustentação feminina, em posição oculta ou inferior —, a constituição valorativa do fetiche já é sexualmente assimétrica em sua própria base e assim permanecerá até cair por terra (SCHOLZ, 1996, p. 33).

Dessa forma, sobre a dualidade biológica dos sexos foram impostas significações psicossociais e simbólico-culturais como: protagonista e coadjuvante, força e fraqueza, sendo tudo que fosse desprovido ou diferente do valor relacionado a mulher. Dentro da forma do patriarcado, o masculino é visto como individualista, forte, violento, enquanto o feminino é visto como objeto e um simples corpo, assim, a guerra seria de conotação masculina e a paz, a serenidade a feminina.

Em relação aos conceitos de igualdade e liberdade, Scott (2005, p.11) “os debates atuais sobre igualdade e diferença, direitos individuais e identidades de grupo, tomam forma polarizada” – mas, como vimos, esta discussão polarizada já era assim, na época de Anita, pois “igualdade”, entendida como “liberdade”, seria definida como: “é cavalgar à noite, é nadar quando se sente calor, é trazer a noite estrelada dentro do coração” (Prieto, 2003) – coisas que só eram possíveis às pessoas do gênero masculino, mas que a personagem rompia, fazendo-as.

A coragem era delegada ao masculino, mas Anita rompe com esse princípio quando mostra toda a sua coragem de ser, desde sempre, uma mulher livre – e, de outro lado, Dona Antônia tinha medo das consequências que toda a liberdade de sua filha traria para a imagem de sua família e para a heroína. Mas, há, também, a dimensão da igualdade, sobre o Scott (2005, p. 13) faz o questionamento: “O fato de se considerar a gravidez como uma desvantagem nos planos de saúde coloca as mulheres em pé de igualdade com os homens no local de trabalho ou desvaloriza uma experiência (e função social) que é exclusiva das mulheres?”.

Fica evidente que a igualdade defendida por muitos, inclusive, nossa protagonista, ainda não se deu de fato em nossa sociedade, pois não seria a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento dela e ignorá-la ou levá-la em consideração. No que tange ao desenvolvimento desta temática, em uma carta posterior, quando já casada com Garibaldi, datada de novembro de 1841, para sua irmã Felicidade, Anita irá se queixar do fato de o marido não a deixar trabalhar de costureira:

[...] Quando Giuseppe ficou sabendo, ficou louco da vida e saiu de casa batendo a porta. Assim, caíram por terra as suas belas teorias francesas sobre a igualdade entre os homens e as mulheres, de que ele fala com tanto gosto. [...] A mulher é a companheira de luta, de cama e de trabalho, com liberdade e respeito recíproco. [...] (Prieto, 2003, p.42).

Vejamos como este tema, afinal, vai sendo desenvolvido pela narrativa urdida por Prieto:

[...]
 Para ajudar com o orçamento doméstico, passou a fazer trabalhos de costura para as vizinhas.
 Durante a infância, aprendera a conviver com a falta de recursos e considerava natural ajudar o marido sempre que possível.
 Quando Garibaldi soube de seu trabalho como costureira, sentiu-se ofendido e a proibiu de continuar com a atividade. Anita aceitou a proibição, mas não lhe perdoou.
 Na verdade, não esperava por uma reação assim vinda de uma pessoa que acreditava tanto na igualdade entre homens e mulheres.
 Como ele permitia que ela lutasse ao seu lado, mas a impedia de contribuir para o orçamento familiar fazendo suas costuras?
 Pela primeira vez, a atitude de seu querido Giuseppe lhe parecia contraditória (Prieto, 2003, p. 41-42).

Assumindo um outro tipo de discurso, a mulher-esposa se mostra com decepcionada, pois o marido a impede de trabalhar, julgando-o um hipócrita: para ela a simples proibição já é muito, na medida em que ele defendia a igualdade entre homens e mulheres, mas pegou de surpresa a esposa quando a proibiu de trabalhar para fora e ajudar no sustento da casa. Ou seja, haveria, aqui, uma tensão entre o papel da mulher-guerreira e o da mulher-esposa, de maneira que a personagem reclama que podia ir à guerra, mas ajudar nas finanças em casa por meio do trabalho não foi permitido a ela. Enquanto mulher-guerreira, ela tinha total possibilidade de fazer o que quisesse, de lutar, de bolar estratégias, mas, enquanto mulher-esposa, ela perde um pouco da sua autonomia em relação aos seus desejos

e vontades, sendo resguardado o papel de concordar com a opinião do marido e, dessa vez, obedecê-lo. E, nesta direção, parece ser pertinente ao que foi exposto por Scholz (1996, p. 16):

Nesta linha, muitas vezes se tenta elevar o trabalho doméstico, não considerado nas análises do capital, à mesma categoria do trabalho assalariado (isto é, do trabalho abstrato) e/ou determinar o "valor" do trabalho doméstico. Semelhante ampliação do conceito de "trabalho produtivo" corre a meu ver o perigo — contra sua intenção — de abrir caminho a uma reificação ainda maior das relações sociais no plano teórico, uma vez que a "produção da vida", assim chamada erroneamente, passa também ela a ser apreendida com categorias que se orientam pela produção de mercadorias.

Dessa forma, ainda que tanto o trabalho doméstico quanto a educação dos filhos representem, de certo modo, o reverso do trabalho abstrato, não sendo compreendidos como um conceito de trabalho, não estão livres de normas e, segundo esta autora, é preciso definir com mais precisão teórica “a atividade tradicional da mulher na esfera da reprodução, já que o termo ‘atividade’ é por demais difuso e possui um caráter excessivamente genérico. [...] [e mediante ele] poder-se-ia alimentar o velho mito da dona-de-casa ociosa” (Scholz, 1996, p. 16).

Daí, passarmos a chegar mais perto da figura da mulher-mãe. Em julho de 1840 foi quando nasceu o primeiro filho de Anita e Garibaldi, o pequeno Menotti, que, logo cedo, foi exposto à vida de aventuras e perigos que seus pais enfrentavam, na medida em que “o bebê tinha apenas duas semanas de vida quando as tropas do império se aproximaram” (Prieto, 2003, p. 34). Mãe e filho tiveram que se esconder nos matos, como relatado abaixo (Prieto, 2003, p. 34-36) para depois encontrar Garibaldi:

Mostarda, 1840

[...] Por amor a ele, acho que eu poderia viver em casa por um certo tempo, como em Laguna, quando eu era menina, com toda aquela gente miúda à minha volta. Mas seria contra a minha natureza, porque tenho necessidade de espaço, de movimento, de justificar de algum modo a minha existência.... acho que os filhos precisam do pai e da mãe, mas o quanto antes devem tornar-se independentes e capazes de sobreviver.... Suas aventuras já começaram, embora ele não perceba nada. [...]

Três dias antes, José tinha ido para Vila Setembrina, para trazer provisões e também roupas quentes para o menino. Esperto como é, Moringue deve ter ficado sabendo da ausência de José e logo pensou em aproveitar para nos capturar. À noite seus homens se aproximaram da

fazenda, mas foram identificados pelos guardas e pelos cães, que tentaram detê-los. Ouvindo o barulho e os gritos, percebi que estávamos em perigo.

Peguei o Menotti e um xale grande, e saí correndo, ainda de camisola, pelos fundos da casa e entrei na estrebaria. Ali, numa morna escuridão, ficavam os cavalos da casa. Saltei para o primeiro que vi e fugi a galope, no escuro, sob a chuva forte, na direção da floresta, com Menotti apertado ao meu peito. Não conseguiram nos raptar porque antes que percebessem eu já estava longe. Escondi-me na mata, num lugar de vegetação cerrada. Fiquei apavorada com a ideia de me pegarem o menino. Fiquei por aqueles lugares durante três dias e três noites, esperando a volta de José. Menotti não parecia muito preocupado; dormia, mamava tranquilamente, enroladinho no xale.... você pode imaginar o meu alívio quando, no terceiro dia, ouvi a voz de José gritando meu nome, andando desesperado pela mata.

[...] Ele não sabe que, com os pais que tem, não pode ter muita tranquilidade. Parece que os inimigos continuam a nos perseguir e a nossa frota naval já é um sonho do passado. Os revolucionários se preparam para uma fuga em massa na direção dos Planaltos do interior, a fim de estabelecer em São Gabriel os novos quartéis-generais, ao abrigo dos ataques dos imperiais....

Anita

A mulher-mãe evidenciada é uma mulher corajosa e esperta, que fugiu da armadilha que o inimigo estava fazendo para capturá-la na ausência do marido. Evidencia que, por amor ao filho, poderia até mesmo deixar a guerra e ficar em casa, mas que isso seria um atentado contra sua natureza, e que os filhos precisam dos pais, mas que o mais cedo possível devem tornar-se independentes. Ainda no mesmo ano, a guerra piorava para os republicanos e, em meio a um recuamento das tropas pela serra, evidenciamos as dificuldades enfrentadas pela mãe para zelar pela vida do filho: “Anita, viu seu leite materno ir secando, o pequeno Menotti enfraquecia a cada dia” (Prieto, 2003, p. 37).

Na carta a seguir, endereçada ao casal Costa, em 1841, percebemos uma mãe preocupada em proteger o filho, mas também resoluta um pouquinho em se afastar da guerra:

Ao casal Costa. São Gabriel, 10 de março de 1841:

Caros amigos, depois das penosas aventuras por que passamos, parece um sonho viver de novo numa casa confortável e poder escrever com calma esta carta que, graças à cortesia do nosso novo amigo Francesco Anzani, espero que chegue até vocês em pouco tempo. Imaginem que Francesco ainda tem paciência para me ensinar ortografia, e eu estudo durante as longas horas de ócio que frequentemente passamos juntos no conforto dos nossos quartéis de São Gabriel. Estamos todos sãos e salvos, mas só por milagre.... [...] Quando mais uma vez a aurora chegou à serra com a sua luz pálida, ele veio até mim. Eu estava deitada, encostada a uma rocha,

tentando me proteger do frio de algum jeito. José estava acompanhado de um soldado e trazia duas mulas. Disse para eu partir imediatamente e pôr nosso filho a salvo do outro lado da montanha.

Ele me olhava com aquele jeito de quem não admitia discussão e acrescentou que aquela era a única esperança para Menotti. Devolveu-me o menino depois de beijá-lo carinhosamente. Então me abraçou e me empurrou na direção das mulas, evitando o meu olhar. Ele não quer me mostrar o quanto essa decisão está lhe custando, pensei.

[...]

As vezes parecia que eu tinha lâminas fincadas na cabeça, e eu procurava segurar o enjoo que tomava conta de mim no ar rarefeito da montanha. [...]. Passamos mais uma noite quase sem dormir, torturados pela fome. Menotti ainda respirava, mas, quando eu tentava dar-lhe de mamar, mal o sentia sugar.

No dia seguinte, enquanto nos arrastávamos mecanicamente, passo a passo, de repente percebi que o terreno formava um suave declive. Olhei ao redor e não consegui acreditar: a floresta tinha quase acabado e à nossa frente estendiam-se colinas e campos cultivados a perder de vista. Caminhamos então em direção a uma fumaça que apareceu ao longe, e finalmente chegamos a um acampamento, onde alguns soldados estavam deitados ao redor de uma fogueira, bebendo de seus cantis. Assim que nos viram, amontoaram-se ao nosso redor para saber quem éramos; pegaram o Menotti, já quase morto, deram-lhe um banho, envolveram-no em roupinhas limpas e lhe deram leite, gota a gota.

Eu também bebi leite de uma tigela fumegante, e aquela me pareceu a bebida mais fina do mundo. Enfim, caros amigos, estávamos salvos... Poucos dias depois, o único vestígio do pesadelo eram os meus pés que continuavam sangrando. Ainda tive que mantê-los enfaixados por muito tempo... Anita Ribeiro Garibaldi. (Prieto, 2003, p. 37-39)

Como os perigos passaram a se intensificar cada vez mais, Garibaldi decidiu pedir dispensa do exército e ir para Montevideu em 1841. Em novembro de 1843, nasce Rosita, uma linda menina de cabelos loiros, que acabou morrendo em 1845. Nesse momento de intenso sofrimento, Garibaldi sabia que o que ajudaria nessa hora seria sua presença e o ambiente de batalhas, trazendo-a para perto de si. Em 1846, já nomeado comandante supremo da defesa uruguaia, Garibaldi decide voltar para a Europa, que combinou com Anita que ela iria antes, mas ela ficou grávida novamente do pequeno Riciotti em 1847, adiando a sua partida um pouco. Em dezembro, Anita partiu com seus filhos rumo à Europa.

Uma questão que pode ser discutida é o fato da maternidade, pois, segundo Badinter (1985, p. 9), ela é ainda hoje um tema sagrado, e, assim, é “difícil questionar o amor materno, e a mãe permanece, em nosso inconsciente coletivo, identificada a Maria, símbolo do indefectível amor oblato”. Assim, fica claro que existe o mito de que todas às mulheres desejam ser mães, pondo em inferioridade o fato de que algumas mulheres não possuem desejo de serem mães. É importantíssimo que se discuta a respeito de que não existe o conceito de instinto

materno ligado à mulher, que isto é um mito criado pela sociedade, que deseja aprisionar a vida das mulheres ao entorno do lar e dos filhos.

Anita, talvez não tivesse esse desejo de ser mãe inicialmente, e, talvez, por isso também, tenha preferido ficar longe dos filhos em algumas situações, e ir ao encontro das guerras e campos de batalha, que faziam parte da sua essência humana, que justificava sua existência e dava um sentido a sua vida. Anita não era uma mulher que se contentava com a vida de uma dona de casa, mas sim, almejava a liberdade.

Ela só voltou para Nice porque ficou doente, o que evidencia a questão destacada mais acima. Em junho de 1849, Anita, já melhor, volta aos campos de batalha para ajudar o marido. Eles perdiam a batalha em Roma e Garibaldi insistiu para que ela voltasse para casa, pois “ela estava grávida de novo e ele queria muito que ela se protegesse. Porém, sua amada não quis deixá-lo. A nosso ver, Anita tinha a guerra pulsando em suas veias e só se sentia viva estando nesse ambiente, fato pelo qual deixa seus filhos aos cuidados de outras pessoas e vai à luta. Além de grávida, Anita estava doente e, por isso, Garibaldi decidiu marchar para San Marino, onde planejava pedir asilo, mas foram atacados. Novamente “Anita quis acompanhá-lo, apesar dos pedidos de Garibaldi para que ficasse em San Marino” (Prieto, 2003, p. 52). O tempo passava e sua febre piorava, aumentavam as dores e não havia medicamentos e nem água.

A partir daí, Anita passa a ditar ao padre que os acompanhava, aquela que seria a sua última carta:

Cesanatico, 2 de agosto de 1849.

Querida irmã:

Estou estendida no chão, exausta, no cais do porto de Cesanatico, com as costas apoiadas em sacos de tela e quem está lhe escrevendo por mim é o padre Bassi, em italiano. [...] Preciso de ajuda para lhe escrever porque, pela primeira vez na vida, estou tão fraca que a minha vista ficou nublada. Estou com medo, sim, acho mesmo que meu fim está próximo. [...]

Não tive nenhum ferimento, mas o mal-estar, ao invés de melhorar, piorou tanto que me reduziu a este triste estado. Minha barriga parece estar ficando cada vez mais inchada e eu não estou sentindo nenhum movimento. Estou achando que meu filho está morto, que a nossa criança da primavera de Rieti nunca verá a luz. [...]

Gastei as minhas últimas forças para chegar perto dos muros, onde esperei a volta de José, que tinha ido na frente e entrado na cidade para pedir permissão de trânsito. Cara irmã, enquanto eu estava estendida no

chão para retomar o fôlego, ouvi tiros e vi atrás de nós, no vale, parte da nossa retaguarda se dispersando, tomada de pânico pela aproximação de uma patrulha de austríacos. Não sei como encontrei forças para reagir.

Mas não adiantou. Quase todos aqueles malditos covardes fugiram sem nenhuma vergonha, enquanto eu gritava para eles pararem. Não pude fazer nada para o José e, o que é pior, estou percebendo que, doente deste jeito, sou apenas um peso para ele, que agora luta pela própria vida. Este pensamento me incomoda e me angustia, pois me dá a medida de minha impotência. Mas qual é a alternativa? [...]. Lembro-me das mulheres, ao meu redor, tentando me convencer a permanecer na cidade até ficar curada. Até morrer, eu pensava. E me aterrorizava pensar em ficar sozinha e morrer em terra desconhecida, sem nenhum rosto amigo.

Quando o José entrou no quarto me dizendo a mesma coisa, comecei a chorar, pedindo que ele não me deixasse, que não me abandonasse. [...] Então eu ouvi a sua voz pedindo que eles entendessem, que eu precisava de ajuda para partir com ele, que eles não tinham ideia de quanto amor ele me devia. Não posso descrever o meu alívio. [...]

[...] As mulheres de San Marino devem ter pensado que eu era louca. Não tive coragem de confessar os meus verdadeiros medos, as minhas incertezas. Só pedi que me dessem uma saia e uma camisa de algodão, em troca do vestido de seda, para não desmaiar de calor durante a viagem. [...] Durante o percurso ofereceram-me uma melancia fresca e muito doce, como aquelas que às vezes encontramos nos nossos campos... lembra? Agora estou aqui, no fim do caminho! O que posso lhe dizer? Que faria tudo de novo?

Acho mesmo que sim! [...] Agora sou apenas um peso para todos, fazendo-os correrem o risco de atrasar sua fuga para a salvação. Eu sei disso, mas não consigo controlar o terror que toma conta de mim ao pensar em enfrentar a morte sozinha, sem o José. Em todos estes anos, eu me entreguei a ele, aos filhos, aos nossos ideais comuns. [...]. Irmã muito querida, queria poder abraçá-la, sentir você perto de mim... mas é tarde demais. Lembre-se de mim e do afeto que sempre nos uniu. Anita. (Prieto, 2003, p. 53-56)

Na carta, fica evidenciado os momentos finais da vida de Anita e relato do deslocamento perigoso de uma cidade a outra. Essa carta é sem dúvida a mais triste e melancólica de Anita. Tudo tem um tom cinza, as palavras escritas são pesadas e é possível a imaginar sua tristeza quando se adianta a leitura. Ela mostra toda a sua humanidade, suas fraquezas, expõe seus medos, se sente inútil, um peso na vida do marido, sente que vai morrer, se sente impotente, humilhada e sente sozinha, mas diz que não se arrepende da trajetória de vida que teve e faria tudo de novo.

Termina a trajetória brilhante, sofrida, cheia de angústias, mas também de alegrias, de vitórias, de amores e de luta por direitos iguais entre homens e mulheres. Anita entrou para a história por seus feitos espetaculares e por derrubar muros que a sociedade construía para as mulheres. Garibaldi em suas memórias diz que “chorei amargamente a perda da minha Anita, minha companheira inseparável nas mais aventurosas circunstâncias que tive na vida” (Prieto, 2003, p. 58). Nossa heroína é e sempre será de relevância para a história de nossa sociedade, assim

como, também sempre será importante para mim, para Prieto e para, possivelmente, os jovens leitores que conhecerem sua brilhante história de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto e de todas as discussões realizadas até aqui, podemos afirmar que a obra de Heloisa Prieto (2003) engendra, através da análise e da formalização estética das cartas, antes adstritas ao nível documental, em relação à representação da mãe/esposa enquanto, perfis atrelados ao espaço privado: uma mulher-esposa, que não aceita o primeiro casamento e vive infeliz, mas que se dá uma nova chance, mesmo sem a aprovação da sociedade, para construir uma nova relação com o homem que se torna o grande amor de sua vida e com quem constrói o laço de configuração da união através, dentre outras coisas, da vivência aventureira e na guerra.

Assim, enquanto esposa, Anita é representada como uma mulher apaixonada, fiel companheira de seu marido, o acompanhando, por amor e ideais, aonde ele fosse. Mulher forte e ousada, não é aquela esposa que se dobra às ordens masculinas, antes lhe contraria em várias situações, “desobedecendo-o”. Sob esta perspectiva, enquanto leitora, percebo que a personagem pode ser comparada à mulher contemporânea por não aceitar as imposições do patriarcado sobre as ações femininas, mas, ao mesmo tempo, pode ser lida, em vista de suas fragilidades, fazendo surgir um questionamento de que nossa “heroína de dois mundos”, também fosse uma esposa “dependente emocional” do marido, embora que inconscientemente.

Enquanto mãe, Anita é representada como uma mulher protetora dos filhos, que usa de estratégias bélicas para defender e salvar a vida de seus rebentos; contudo, afastando-se de uma imagem de perfeição. Em nossa heroína vemos eclodir traços da chamada “ausência materna”, na medida em que ela vai se afastando, em vários momentos, dos filhos e do cotidiano estereotipado do que entendemos como aquilo que implica em “ser mãe”, pois, para ela, parecia soar mais a voz da guerreira, do que a da mãe. Neste sentido, através da personagem, vemos uma outra dimensão das várias faces da maternidade: a mãe que pode ser considerada, por muitos, como uma mãe “fora da curva” e, até mesmo, um pouco ruim, pois, em vez de se entregar de “corpo e alma” para os filhos, decide não deixar morrer o seu eu como mulher, como guerreira, se assemelhando também às mulheres da modernidade, que se dedicam a tantos outros papéis, que não só o de mãe.

Em relação aos perfis de heroína e guerreira, atuantes no âmbito público, podemos perceber que a personagem possui traços tanto da “donzela-guerreira” quanto da “amazona”, mas, mesmo diante disso, não pode ser encaixada em apenas uma das narrativas dos mitos, formando, assim, uma terceira face: a que, inicialmente, é solitária e cavalga livremente, que possui regras e princípios próprios, sendo aproximada à figura da amazona; mas que, ao mesmo tempo, é aproximada da figura da donzela-guerreira, da qual, contudo, se distingue daquela, por recorrer ao matrimônio, durante o transcurso das batalhas e não após, como vemos nas narrativas tradicionais. Ao mesmo tempo em que se aproxima da “donzela-guerreira” por meio do casamento, também se afasta dessa figura, por não ir para a guerra para dar orgulho ao pai, mas por desejos próprios, por não usar a máscara da androginização, com exceção do momento em que está grávida do último filho e precisa se vestir com roupas masculinas para participar dos combates, o que, mesmo assim, não põe sua identidade feminina à prova, visto que, desde sempre, vai à guerra com sua real identidade.

A Anita-heroína é aquela aclamada pelo povo de Montevideo, no porto, e que encanta as pessoas e cativa admiradores, devido aos seus feitos nas batalhas ao lado do marido. A Anita-guerreira é aquela que, desde muito jovem, se encanta pelos ideais republicanos pregados pelo amado tio Antônio e que, quando tem oportunidade, ao conhecer Garibaldi, começa a participar de batalhas, mediante forte treinamento. A guerreira é aquela que atira bolas de canhões, luta com espadas, que desce ao porão para enxotar os companheiros covardes que tentam fugir do combate e que se sentem desafiados e incentivados a voltar para as lutas e dar seu melhor. Enfim, a Anita construída por Prieto, em seu romance, se diferencia das demais representações, por deixar evidente todas as faces da mulher: a mãe, a esposa, a guerreira e a heroína, através de uma narrativa permeada por fatos históricos e por epístolas reais da própria protagonista e de outros.

A personagem construída por Prieto é também uma representação feminina diferente das demais que compõem o acervo do PNBE/2013, disponibilizado na biblioteca da Escola Solon de Lucena, lócus do meu primeiro contato com a obra da autora. A partir do Programa, a turma de ensino médio do ano de 2013, teve acesso a essa obra, que trata da vida de uma grande mulher, importante para a história nacional e internacional, “heroína de dois mundos”, o que faz com que se concretize o objetivo principal do PNBE, a saber, possibilitar o acesso dos alunos a bens

culturais, como a literatura em seus diferentes gêneros, no caso apresentado, um romance biográfico e histórico. Outro ponto importante do Programa é que ele chama a atenção para o fato de que a leitura literária conta muito com a mediação do professor, o que também se concretizou no meu caso, visto que, meu tão amado professor de português, já falecido, minha grande referência quanto ao desejo de ingressar no curso de Letras-português, esteve presente no processo de primeiro contato com o livro, fazendo-o da melhor maneira possível.

A jovem de 13 anos que leu a obra da autora e se encantou com a personagem real, agora, dá lugar a adulta que está no final do processo formativo para se tornar professora, e entende que o livro abordado, no presente trabalho, pode ser trabalhado em sala de aula, em vistas de proporcionar a análise da representação feminina da protagonista, levando em consideração sua dualidade público-privado, através de dados históricos e cartas transcritas no livro, para fazer também uma abordagem do seu perfil heroico. O livro aqui trabalhado, assim, é capaz de mostrar as quatro faces da mulher real, Anita, a saber, a mãe, a esposa, a heroína e a guerreira, evidenciando a importância da análise de todas essas faces para a compreensão da personagem em sua integralidade.

Além disso, a obra citada pode ser objeto de estudo para uma discussão sobre o gênero “carta”, abordando como se dão seus usos literários, enquanto composição de um romance epistolar ou “escritas de si”, destacando a importância do gênero tanto para a obra em destaque quanto para outras obras relacionadas. Também pode servir como objeto para uma atividade que proporcione a escrita do gênero apresentado, tomando como exemplo a estrutura e tipos das epistolas apresentadas na obra, para evidenciar que, no processo de escrita de cartas, é fundamental saber o que se quer dizer, pois isso interfere diretamente em “como dizer” e a “quem dizer”.

Para concluir, é fundamental evidenciar que a trajetória de vida da heroína, Anita Garibaldi, se constituiu como uma influência para mim: o ser Mulher em sociedade, ser mãe, esposa, heroína e, também, guerreira. Quando olho para a adolescente, de 2013, vejo que ela se encantou pela personagem por sua ousadia, força, determinação e por ser uma mulher da história que viveu, realmente, que foi real, tanto em suas vitórias quanto em suas derrotas, nos mais variados âmbitos da vida. Para Prieto, a personagem também foi uma grande influência, pois ela “sempre foi encantada por mulheres fortes, corajosas e ousadas” (Prieto, 2003, p. 5). Para

nós duas, então, Anita foi uma influência do Ser Mulher, e, acredito, o será para as outras leitoras, que tiverem oportunidade de estar em contato com essa obra.

REFERÊNCIAS

Corpus primário:

PRIETO, Heloisa. **Anita Garibaldi Estrela da tempestade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

PRIETO, Heloisa. **Anita Garibaldi, a estrela da tempestade**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2013.

Bibliografia consultada:

ALENCAR, Mariana Castro de. Biografia ou romance histórico, real ou fictício? Breve reflexão acerca de elementos literários e historiográficos em Bruce Chatwin. **Mafuá**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 18, 2012. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2012/biografia-ou-romance-historico-real-ou-ficticio-breve-reflexao-acerca-de-elementos-literarios-e-historiograficos-em-bruce-chatwin/>. Acesso em: 25/10/2023.

ALMEIDA, Rossana. **A donzela-guerreira na literatura**: um olhar semiótico sobre o processo de mitificação da personagem histórica. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2022. 118 p. [Recurso online.] Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23347>

ALVES, M. M. Querida filha, queridos pais: o uso da carta na ficção de Erico Verissimo. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 182–194, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/19613>. Acesso em: 13 nov. 2023.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**. EDUERJ: Rio de Janeiro, 2010.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

BATISTA, Edilene Ribeiro. Análise comparativa entre as donzelas guerreiras Diadorim e Monja Alferéz. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão (SE), v. 25, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/5754>. Acesso em: 13 nov. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CADORIN, Adílcio. **Anita Garibaldi, a guerreira das repúblicas**. Florianópolis: CulturAnita, 1999.

CADORIN, Adílcio. **Anita Garibaldi: a morte e seus sete sepultamentos**. [recurso online] BlogSpot, 2017. Disponível em:

<https://adilciocadorin.blogspot.com/2017/08/anita-garibaldi-morte-e-seus-sete.html>. Acesso em: 05/05/2023.

CADORIN, Adilcio. **O batismo de fogo de Anita Garibaldi na batalha naval de 4 de novembro de 1839 na Enseada de Imbituba**. [recurso online] BlogSpot, 2019. Disponível em: <https://adilciocadorin.blogspot.com/2019/10/o-batismo-de-fogo-de-anita-garibaldi-na.html>. Acesso em 25/10/2023.

CANEZIN, Claudete Carvalho. A mulher e o casamento: da submissão à emancipação. **Revista Jurídica Cesumar**, vol. 4, n. 1, p. 143-156, 2004. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revjuridica/article/view/368>. Acesso 05/05/2023.

COSSON, Rildo; PAIVA, O PNBE, a literatura e o endereçamento escolar. **Remate de males**, Campinas, v. 34, n. 2, p. 477-499, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635860>. Acesso em: 13 nov. 2023.

ELÍBIO JÚNIOR, Antônio M. **Uma heroína na história**: representações sobre Anita Garibaldi. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2000. 143 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/79307/153071.pdf>

FIGUEIREDO, Eurídice. Crítica feminista. In: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro (orgs.). **Novas palavras da crítica (II)** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Edições Makunaíma, 2023. p. 08-28. Disponível em: <http://www.edicoesmakunaima.com.br/wp-content/uploads/2023/03/NOVAS-PALAVRAS-DA-CRITICA-II.pdf>. Acesso em 25/10/2023.

JANKOWSKY, Bernhard. A carta no romance, o romance em cartas. **Letras de Hoje**, Porto Alegre (RS), v. 11, n. 1, 2014.

LAJOLO, Marisa. Romance epistolar: o voyeurismo e a sedução dos leitores. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 14, p. 61-75, 2002.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Cultrix: São Paulo, 1986.

PAIVA, J.; BERENBLUM, A. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica. **Pro-Posições**, v. 20, n. 1, p. 173-188, jan. 2009.

PNBE na escola: literatura fora da caixa. Ministério da Educação; elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014. Guia 3: Educação de Jovens e Adultos.

PNBE na escola: literatura fora da caixa. Ministério da Educação; elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais.

Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014. Guia 2: Anos iniciais do Fundamental.

PORTO, Vagner Carneiro; CORREIA, Larissa de Souza. O simbolismo de Atena: o mito sob o olhar literário de Homero, **Todas as musas**, ano 5, n. 01, p. 100-112, dez. 2013.

RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. **Novos estudos CEBRAP**, n. 86, p. 75–80, mar. 2010.

RIBEIRO, Fernanda. **Anita Garibaldi: coberta por histórias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável**: ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

SANTOS, Vivian Carla C. dos. Fazeres autobiográficos e cartas pessoais. In: CAMARGO, M. R. R. M., org. **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 51-61.

SCHMITT, Anderson M. Guerra dos Farrapos (1835-1845): entre o fato histórico e suas apropriações. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 25, n. 40, p. 358-377, dez-2018. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2018v25n40p358>. Acesso em: 25/10/2023.

SCHOLZ, Roswitha. O valor é homem: teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 45, p. 15-36, julho 1996.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. **Rev. Estudos Feministas**, v. 13, n. 01, p. 11-30, abril 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/H5rJm7gXQR9zdTJPBf4qRTy/>. Acesso em: 25/10/2023.

SELLIGMAN-SILVA, Márcio. Testemunho. In: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro (orgs.). **Novas palavras da crítica (II)** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Edições Makunaíma, 2023. p. 277-319. Disponível em: <http://www.edicoesmakunaima.com.br/wp-content/uploads/2023/03/NOVAS-PALAVRAS-DA-CRITICA-II.pdf>. Acesso em 25/10/2023.

SERRA, Tânia Rebelo. A donzela guerreira de Homero a Guimarães Rosa. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v.41, p. 181-188, 1996. Disponível em: <https://www.usp.br/bibliografia/obra.php?cod=635&s=grosa>. Acesso em: 01/06/2023.

SILVA, Anabela. **A Donzela Guerreira**: confluências literárias. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras do Porto, Porto, 2010. 123 p. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/55535>.

SILVA, Juliana A. M. A. da. Livros do FNDE (MEC): análise dos acervos e possibilidades de uso para atividades de leituras significativas. **Pesquisas em Discurso Pedagógico** (on-line), v. 2017, p. 10-17, 2017.

SILVA, Sheila; MOREIRA, Maria. Escritas de si e espaço biográfico: revisão teórico-crítica. **Memento**, Revista de Linguagem, Cultura e Discurso, v. 07, n. 2, julho-dezembro de 2016. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/3780/2788>. Acesso em: 13/11/2023.

VASCONCELOS, Vania. A donzela guerreira na literatura brasileira. In: FIÚZA, Regina Pamplona (org.). **A mulher na literatura: criadora e criatura**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010, p. 245-257.

VILALVA, Walnice. **Marias: estudo sobre a donzela-guerreira no romance brasileiro**. Campinas: UNICAMP, 2004. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, 2004. 193f.

ZAPPONE, Mirian H. Y. Narrativa juvenil brasileira no acervo PNBE 2013: faces urbanas da representação social. **Revista Teias**, [S. l.], v. 16, n. 41, p. 89–107, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24515>. Acesso em: 13 nov. 2023.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Feminismo e Literatura: apontamentos sobre crítica feminista. In: SEDYCIAS, J. (org.). **Repensando a teoria literária contemporânea**. Recife: Editora UFPE, 2015, p. 407-434.